



**Always ready for Operation  
Now ready for Portugal**

O Ministério da Defesa de Portugal encomendou à Steyr-Daimler-Puch Spezialfahrzeug GmbH o fornecimento de 260 blindados de rodas PANDUR, dos quais 20 viaturas são anfíbias. Todas as viaturas são produzidas na versão 8x8 e em 15 variantes diversas a fornecer às Forças Armadas terrestres e à Marinha portuguesas. O armamento inclui variantes com a torre Steyr SP 30 e abrange desde a metralhadora cal. 12,7 mm até ao Morteiro cal. 120 mm.



STEYR-DAIMLER-PUCH  
SPEZIALFAHRZEUG GMBH  
A GENERAL DYNAMICS COMPANY



P.O.B. 100, A-1111 Vienna, Austria, Phone: +43-1-760 64  
Fax: +43-1-769 81 49, Homepage: www.steyr-ssf.com

GENERATION STEYR

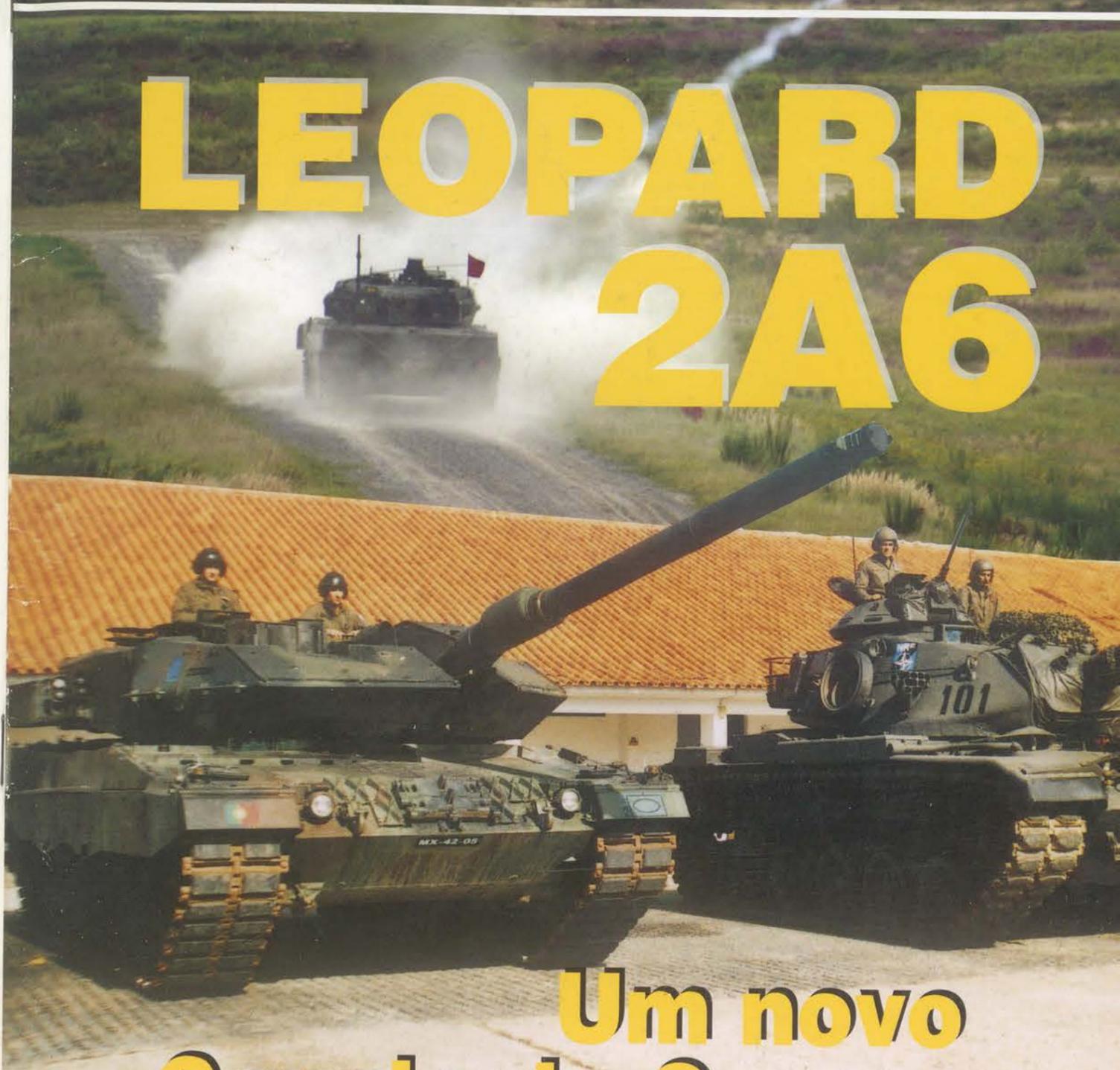


REVISTA

da  
**CAVALARIA**

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Outubro 2008 | 3ª Série | Ano V | Nº 15

**LEOPARD  
2A6**



**Um novo  
Cavalo de Guerra**



CONCURSO LITERÁRIO  
“ASSOCIAÇÃO REVISTA DA CAVALARIA”

Parabéns ao Furriel de Infantaria  
RICARDO BRUNO  
MARQUES GONÇALVES



A Associação Revista da Cavalaria, com o patrocínio da Editora Prefácio, promoveu o 1º Concurso Literário destinado aos Instruendos-alunos da Escola de Sargentos do Exército para o ano lectivo 2007-2008. O concurso literário teve por objectivo fomentar, aprofundar e difundir o conhecimento científico, técnico, histórico, cultural e deontológico da cavalaria militar, em particular, e do Exército em geral. Neste sentido, pretendeu-se promover a reflexão e criatividade dos Instruendos-alunos da Escola de Sargentos do Exército para assuntos com particular interesse para o Exército e/ou para a Arma de Cavalaria.

Foram recebidos quatro trabalhos:

- A Guerra da Identidade;
- Arte de Comandar;
- Cargas na História;
- Missão e Deontologia.

A constituição do júri foi:

- Presidente da Direcção da Associação Revista da Cavalaria  
TCor Cav Miguel Freire  
Cmd BrigMec
- Elemento da Redacção da Revista da Cavalaria  
Maj Cav Jorge Henriques  
IESM

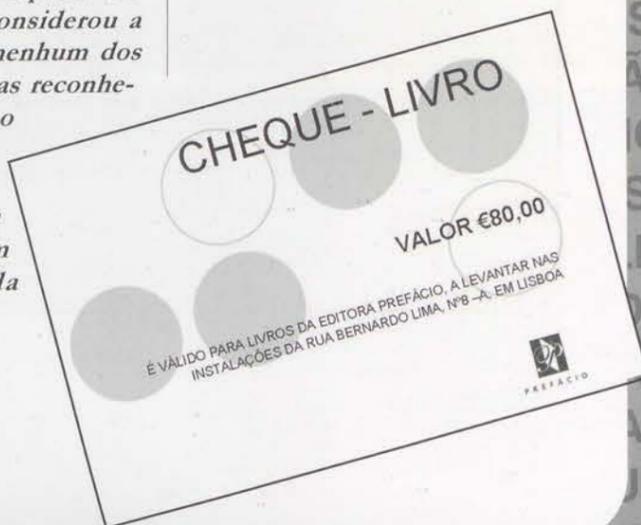
- Oficial da Direcção de Ensino da ESE  
Ten Pedro Vargas  
ESE
- Oficial Regente da cadeira “Ética e Comando”  
TCor Inf Boeiro  
ESE
- Oficial de Cavalaria da Direcção da Associação Revista da Cavalaria  
TCor Cav Amado Rodrigues  
EPC

A deliberação do júri foi:  
“Atribuição de um só prémio (1º Classificado) ao trabalho “Cargas na História”.

*Sobre os restantes trabalhos, o Júri, fazendo uso do ponto 4.b do Regulamento considerou a não atribuição de nenhum dos graus de prémio mas reconhecendo e apreciando o empenho dos autores dos trabalhos decidiu oferecer a assinatura, por um ano, da Revista da Cavalaria”.*

O autor do artigo premiado é o Furriel de Infantaria Ricardo Bruno Marques Gonçalves colocado na EPI e a frequentar a 2ª parte do 36ºCFS.

A cerimónia de entrega dos prémios terá lugar no dia 14 de Novembro de 2008 na Escola de Sargentos do Exército, por ocasião da abertura solene do ano lectivo. O Furriel Gonçalves receberá: Um cheque de 500 € da Associação Revista da Cavalaria; Cheque Oferta de 80 € da Editora Prefácio e um ano de assinatura da Revista da Cavalaria. O artigo será publicado na Revista da Cavalaria Nº17.



Palavras do Director  
Honorário da Arma



Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros  
MGEN

Escolheu a Direcção como tema “O Carro de Combate Leopard 2 A6”, cuja cerimónia de recepção dos primeiros oito Carros de Combate, de um conjunto de trinta e sete, teve lugar em 22 de Outubro de 2008, no Quartel da Cavalaria, em Santa Margarida.

A substituição dos “velhos” M60 por carros de combate mais modernos e actuais, que incorporam equipamentos de elevada sofisticação tecnológica e blindagem de terceira geração, com maior capacidade de fogo, melhor mobilidade e mais autonomia, representa um salto qualitativo importante para a nossa Arma, já que o Leopard 2 A6 é considerado, por muitos especialistas, como um dos mais eficientes carros de combate da actualidade.

Estes carros de combate destinam-se a equipar o Grupo de Carros de Combate e o Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada, melhorando significativamente as suas capacidades de manobra e fogo directo, a par do aumento da capacidade de protecção, permitindo que a Brigada Mecanizada disponha de uma efectiva capacidade de combate em todo o tipo de missões, habilitando-a a participar com forças aliadas em operações conjuntas e combinadas, com meios idênticos em tecnologia e capacidade operacional.

Os Leopard são equipamentos com elevado grau de sofisticação tecnológica, que necessariamente implicam e obrigam a grandes mudanças quer na definição do perfil e na formação dos futuros “carristas”, quer também na redefinição da organização, da técnica e da doutrina de emprego, rompendo com antigas práticas e rotinas.

Com a sua entrada ao serviço, os Quadros da nossa Arma passam a dispor de carros de combate de última geração, o que lhes permitirá uma melhor realização profissional e que será, sem dúvida, um factor potenciador para uma necessária transformação a nível doutrinário e de organização.

Assim exorto todos os Cavaleiros, sobretudo as gerações mais novas, para que com a sua habitual generosidade e com grande motivação a Cavalaria ultrapasse todas estas mudanças, garantindo ao Exército o sucesso na introdução desta inovação tecnológica.

MGEN LUÍS MIGUEL DE MEDEIROS  
Director Honorário da Arma de Cavalaria.



## O Projecto "LEOPARD 2A6"

A partir de Outubro do corrente ano o Exército passa a contar no seu inventário com um novo sistema de armas: O Carro de Combate Leopard 2 A6.

Trata-se, como é do conhecimento geral, de um dos mais modernos e sofisticados carros de combate (CC) em serviço.

Constitui um desafio tecnológico e organizativo de tal magnitude que, se vencido com sucesso, permitirá ao Exército Português e à Arma de Cavalaria colocar-se na linha da frente das mais modernas tecnologias e capacidades blindadas, a par com os Exércitos mais avançados do mundo ocidental.

Os benefícios resultantes poderão ser extraordinários do ponto de vista da revisão dos conceitos doutrinários e organizativos, na área operacional, na área da formação e do ensino e na área da logística e manutenção, resultando na aquisição de novas competências e capacidades que transformarão a Arma de Cavalaria num motor do desenvolvimento do Exército, colocando-a no topo da tecnologia e da sofisticação neste domínio da aplicação militar, se conseguir pilotar a oportunidade agora criada.

COR Tir Inf ALVES FERREIRA  
BrigMec - Chefe de Projecto Leopard 2A6

Por outro lado, é também um desafio que tem que ser imperativamente vencido, sob pena de que o "lixo tecnologicamente avançado", que resultaria de um eventual fracasso, ficar a pesar como um lastro negativo sobre iniciativas futuras e passar a constituir-se num factor de apreciação negativo sobre a capacidade de modernização do Exército e da qualidade técnica e profissional dos seus quadros.

O desafio implica também abandonar preconceitos, ideias feitas, defesa inconsequente de incapacidades e limitações pessoais, e abrir a discussão e a organização à entrada da lufada de ar fresco de novos conceitos, novas metodologias, novas abordagens e novas formas de resolução de problemas que a introdução de um novo sistema de armas não pode deixar de representar.

Não é possível resolver os novos problemas que agora se colocam recorrendo a ideias feitas e estagnadas no tempo ou a conceitos desenvolvidos e consolidados para outro tipo de equipamento com uma incorporação tecnológica já ultrapassada. Não é possível tratar e resolver os problemas da vaga tecnológica com os métodos e processos de uma sociedade da "primeira vaga".

Consciente da dimensão do desafio a equipa de projecto organizou-se para lhe fazer face.

Herdeiros dos esforços desenvolvidos anteriormente pelo MGen Rovisco Duarte e pelo Cor Tir Cav Oliveira Duarte, a actual equipa iniciou as suas funções em Setembro de 2007, já na fase final de negociação dos contratos.

A sua composição incluía, para além de um coordenador, um especialista em CC (o TCor Cav Mateus), um especialista em Logística (TCor SM Ribeiro) e um especialista de comunicações (Maj Tm Eng Nunes)

No esforço que lhes foi pedido incluía-se a conclusão das negociações em curso para a assinatura dos contratos, a coordenação das actividades de formação a desenvolver na Holanda, a adaptação do sistema de comunicações dos CC para operação com os E/R 525 e a preparação da inspecção, recepção e transporte dos CC para Portugal e subsequente entrega ao Exército.

Implicitamente, assumiu-se a responsabilidade pela reunião dos elementos indispensáveis ao desencadeamento pelo Exército de todas as iniciativas necessárias a uma incorporação completa e coerente do novo sistema de armas.

A ausência de experiência prévia com o sistema de armas, a necessidade de identificar o seu potencial e requisitos específicos, as vantagens que poderiam resultar de um acompanhamento atento das acções de formação a conduzir na Holanda, aliados à necessidade de manter uma relação estreita e permanente com os nossos interlocutores holandeses, para a identificação e resolução atempada de questões contratuais ainda em fase de esclarecimento e coordenação, conduziu à necessidade de colocar na Holanda um elemento da Equipa de Projecto.

A sua missão consistia em manter-se vigilante e activo, no acompanhamento e garantia da qualidade das acções de formação em curso, na recolha de informação pertinente sobre o CC Leopard 2 A6, na contribuição para a identificação das fraquezas do projecto por forma a reduzi-las dentro do possível e na pesquisa dos aspectos passíveis de explorar em nosso benefício.

Em boa hora foi tomada essa iniciativa, devendo-se ao TCor Mateus, militar escolhido como representante permanente do projecto na Holanda, a melhor parte do sucesso obtido pelo Projecto do Leopard 2 A6.

De forma incansável e atenta coligiu milhares de páginas de informação, apoiou os nossos militares em formação, articulou-se com a parte holandesa como elemento de ligação ao projecto, identificando aspectos contenciosos, antecipando problemas, resolvendo os que se situavam ao seu nível e discutindo e propondo soluções para os restantes e, de uma forma geral, garantindo em permanência um

alerta oportuno para que, em território nacional, os problemas relevantes pudessem ser atempadamente analisados e resolvidos pelas autoridades e escalões competentes.

Da mesma forma, as necessidades de adaptação do sistema de intercomunicação do CC holandês aos nossos meios obrigou à criação de um projecto associado que incluiu o desenvolvimento e, aceitação técnica de um protótipo e a realização de testes, na Alemanha, no fabricante, para certificação da não existência de interferências entre os meios de comunicações e os sistemas do CC.

Os trabalhos realizados pelo especialista de comunicações do Projecto e pelo Cap Tm Eng Paulo Santos da DCSI, traduziram-se na criação de um sistema de comunicações aperfeiçoado, permitindo a exploração completa das capacidades disponibilizadas pelo novo sistema digital de comunicações do Exército, assente no E/R 525, a replicar em todos os CC a aceitar pelo Exército.

Estas iniciativas no exterior eram simultaneamente completadas por outras conduzidas em território nacional, na área logística e da sustentação. Sob a orientação do TCor Ribeiro foram iniciados estudos conducentes à definição dos conceitos que devem presidir à manutenção futura dos CC, à definição dos procedimentos e dos circuitos de identificação de necessidades logísticas.

Apesar das solicitações intensas a que era sujeito noutras áreas de actividade, a sua iniciativa permitiu identificar a necessidade de dispor de dispositivos de boroscopia que permitissem o controlo do desgaste das peças do CC

prevenindo acidentes; de dispositivos de limpeza do tubo que garantissem uma manutenção mais cuidada, com menos esforço e perdas de tempo, garantindo simultaneamente uma maior longevidade do tubo; de participação no projecto de desenvolvimento de uma nova munição de 120 mm para o CC Leopard; da definição, juntamente com a Brigada Mecanizada e com a DIE, da necessidade de infra-estruturas, das respectivas características e do equipamento de que deveriam estar dotadas.

Simultaneamente, no entendimento anteriormente expresso de permitir ao Exército o exercício das suas responsabilidades nas diferentes áreas apropriando-se de forma colectiva de um projecto motivador e de futuro, a equipa de Projecto coligiu e apresentou ao CmdLog, ao CmdOp, ao CmdPess e ao CID, propostas e elementos de apoio à decisão nas áreas da determinação de perfis e referenciais de curso, da organização militar, da manutenção e da sustentação, das Infra-estruturas, das munições, dos transportes, da simulação, das políticas do pessoal, das comunicações.

Durante o decorrer destas actividades foram formados na Holanda, 4 Mecânicos de Torre, 4 Mecânicos de Casco, 4 Condutores, 4 *Master Gunners* e 2 Soldadores.

Nem tudo foram facilidades.

Recorda-se apenas a recusa do Exército em aceitar as munições inicialmente disponibilizadas pelos holandeses e contidas no contrato, que se apresentavam fora do prazo de validade. A abundante correspondência gerada por essa situação e o envolvimento de



# LEOPARD 2 A6 e a Modernização da Cavalaria

## 1. INTRODUÇÃO

Em 1993 chegaram a Portugal os carros de combate (CC) M60 A3 TTS a fim de substituírem os M48 A5. Esta transição pode considerar-se que foi fácil. Todavia, vencer a inércia para o colocar ao serviço foi uma tarefa hercúlea, conforme a geração mais antiga se deve recordar.

Quinze anos volvidos, o Exército passa a contar com outro sistema de armas, o CC *Leopard 2 A6*, considerado internacionalmente um equipamento de elevada sofisticação tecnológica e de reconhecidas capacidades.

Antes da sua chegada muito foi feito. Entre as muitas tarefas identificadas esteve a formação inicial na Holanda, onde foram adquiridos os trinta e sete CC. Como este país constituía, numa primeira fase, o referencial imediatamente disponível para a identificação de necessidades nos mais diversos domínios, face à evidente falta de conhecimento e experiência com este sistema de armas, o Exército entendeu que deveria destacar para a Holanda um representante permanente. O objectivo seria acompanhar as acções de formação, recolher toda a informação possível a respeito do sistema de armas e simultaneamente

te agir como interlocutor directo e elemento de ligação junto das autoridades holandesas. A escolha recaiu sobre o então Comandante do Grupo de Carros de Combate (GCC).

É neste contexto que surge a redacção deste artigo. Não se pretende relatar a vivência de nove meses na Holanda, mas apenas partilhar com todos os cavaleiros alguns aspectos relevantes, que suscitaram mais atenção e que poderão ter alguma influência no momento em que o equipamento for disponibilizado para funcionamento.

Pretendemos apenas partilhar o conhecimento e experiência adquiridos, para um debate aberto e sem preconceitos, sobre um sistema de armas que representa o núcleo duro da Cavalaria, tentando envolver as pessoas na realização dos superiores objectivos e, quiçá, encontrar pontos de contacto e convergência das diferenciadas opções, tendo em vista a construção de um futuro melhor.

Assim, o texto que se segue tenta ser generalista, abordando e comentando algumas ideias e, pontualmente, fazendo pequenas sugestões com o propósito de estimular a reflexão. Acima de tudo pretende o autor que este constitua um convite à participação com o objectivo de que todos possam contribuir

para um Exército moderno, adequadamente sustentado, capaz de se adaptar e actuar perante as novas modalidades de conflitos que ameaçam o mundo moderno.

Nesta óptica, organizámos o artigo de modo a transmitir aquilo que se observou e foi dado a conhecer sobre as unidades de cavalaria holandesas. Abordaremos a Formação na Holanda, com o intento de transmitir uma perspectiva global daquilo que é o modelo holandês. Não se pretende relatar aquilo por que passaram os militares portugueses. Porém, não pudemos evitar a referência a alguns episódios a fim de melhor ilustrar o assunto. De seguida tecem-se algumas considerações que julgamos serem as mais salientes na introdução de um novo sistema de armas. Depois os comentários finais.

Resta-nos agradecer antecipadamente a oportunidade de abordar este importante assunto e formular os mais sinceros votos de que o produto final possa merecer a atenção que os leitores dispensaram.

## 2. AS UNIDADES DE CAVALARIA HOLANDESAS

Após o último processo de reorganização encetado no Exército holandês, há cerca de três anos, a

Componente Operacional sofreu uma remodelação estrutural que resultou em cinco grandes unidades; uma Brigada Aeromóvel, duas Brigadas Mecanizadas, uma Brigada de Comandos, uma Brigada de Apoio ao Combate e uma Brigada Logística.

Na área da formação, para além das Escolas Reais, alimentam as Forças Armadas, o Centro Educacional e Treino para a Manobra e um Centro Educacional e Treino para a Logística que, respectivamente, integram a Escola de Cavalaria e a Escola da Manutenção e Técnicas.

No final do processo reorganizativo, a Holanda apenas manteve dois Grupos de Carros de Combate e dois Esquadrões de Reconhecimento, um por cada brigada mecanizada. O CC *Leopard 2 A6* apenas existe nos GCC, entretanto rearticulados a dois esquadrões, perfazendo cada Grupo um total de 30 CC, incluindo os do comando.

As unidades de reconhecimento que do antecedente se encontravam organizadas e estruturadas em termos semelhantes aos nossos ERecs, foram as que maior alteração sofreram, na medida em que perderam os CC, ficando exclusivamente equipadas com a "FENNEK" (ver fig. 2 e 3), viatura

de rodas especificamente desenhada para satisfazer os requisitos das unidades de reconhecimento no âmbito do conceito de *Intelligence Surveillance Targeting Acquisition and Reconnaissance* (ISTAR).



Fig. 2 - Viatura "FENNEK".



Fig. 3 - Viatura "FENNEK".

Como curiosidade, releva-se o facto das unidades de escalão batalhão, sejam de manobra, sejam de apoio de combate, não possuírem organicamente subunidades de manutenção. No escalão Brigada a organização da manutenção é do tipo modular e assenta numa Companhia de Manutenção,

organizada num Pelotão de Logística Geral e diversos Pelotões de Manutenção (PelMan), em número igual ao número de unidades de manobra e de apoio de combate, tendo cada unidade de escalão batalhão um pelotão dedicado.

Deste modo, o GCC possui um PelMan dedicado, res-

ponsável pela manutenção até ao 3º escalão de todo o seu equipamento orgânico. Em abono da verdade, este pelotão de manutenção tem uma estrutura única e a sua missão exclusiva é apoiar a unidade de carros de combate. A sua articulação é também modular, de modo a garantir a continuidade do apoio de manutenção (casco e torre) mesmo quando são cedidas subunidades.

Complementarmente existe em cada ECC uma secção de recuperação equipada com uma Viatura Blindada de Recuperação, uma Viatura Oficina Blindada e uma Viatura Tática Pesada de Rodas com um contentor oficina, capaz de efectuar trabalhos de diagnóstico e de recuperação de 2º escalão, com a finalidade expressa de garantir que o CC *Leopard 2 A6* possa continuar a movimentar-se, comunicar e a fazer fogo, uma vez que, na doutrina holandesa, estes são os princípios fundamentais que concorrem para os objectivos primários de manutenção a este nível.

Um aspecto interessante da organização da manutenção é o facto de as unidades de manutenção disporem de um misto de mecânicos civis e militares, o que garante, a par da continuidade do conhecimento, que a estrutura continue a laborar mesmo perante a saída dos mecânicos militares para missões no exterior do território nacional, ou por simples rotação.

## 3. A FORMAÇÃO NA HOLANDA

Integrada no Centro Educacional e Treino da Manobra, encontra-se a Escola de Cavalaria, entidade responsável pela formação de base das guarnições holandesas dos CC *Leopard 2 A6*. Foi nestas instalações



Fig. 1 - Organização do GCC holandês.

que os nossos militares de cavalaria frequentaram as acções de formação (Chefe de Carro/*Master Gunner*), ministradas no âmbito do contrato firmado com a Holanda. Além da formação base neste e noutros sistemas de armas, esta escola ministra ainda cursos de qualificação como, por exemplo, o Curso de Instrutores e o curso de *Master Gunner*. Paralelamente assegura também a formação aos militares destinados às unidades de reconhecimento dos Batalhões de Infantaria. Sedeada no mesmo aquartelamento mas não dependendo da Escola de Cavalaria, encontra-se, por razões de ordem funcional, um destacamento da Escola de Condução, entidade que, nas Forças Armadas holandesas, tem a responsabilidade de ministrar formação de condução em todas as viaturas ao serviço das FA. Foi sob a responsabilidade desta Escola que decorreu o curso de instrutores de condução frequentado por quatro militares portugueses.

No caso vertente dos operadores, o modelo de formação Holandês para o sistema de armas *Leopard 2A6* assenta numa formação de 27 semanas para chefes de carro, de 7 semanas e meia para apontadores e muniçioneiros e de 4 semanas para condutores. À primeira vista, a duração de cada acção de formação poderá parecer um pouco longa mas, se atendermos a que no Exército Holandês cada militar pode candidatar-se a qualquer cargo ou função, mesmo que em arma ou serviço diferente daquele em que tem vindo a servir, verifica-se que o modelo apresenta uma grande flexibilidade garantindo a formação adequada para o cumprimento das funções exigidas por cada cargo ou função. Para melhor ilustrar o expresso, apontamos como exemplo

o caso de uma Capitão do Serviço de Justiça que tendo-se candidatado ao cargo de Comandante de Esquadrão de Comando e Serviços, foi frequentar o curso de Chefe de Carro.

A formação para o cargo de chefe de CC, para além da componente técnica essencialmente orientada para a condução do tiro (7 semanas), inclui uma extensa componente tática, sendo de destacar um total de cinco semanas de exercícios no campo (FTX), duas semanas de exercícios sem tropas (CPX / MapEx) e uma semana de exercícios assistidos por computador.

Já na categoria de praças, o cargo de muniçioneiro só é ocupado por militares que previamente tenham ocupado os cargos de condutor ou apontador. A ausência de militares femininos foi um pormenor notado, tendo sido explicado na altura, que isso se devia à dificuldade em reunirem o perfil físico indispensável ao trabalho da guarnição do CC, em particular no cargo de muniçioneiro, uma vez que do seu desempenho depende a proficiência e o desempenho de toda a guarnição. Durante a sessão de fogos reais realizada em Bergen-Hohne, Alemanha, confirmou-se que o sistema de armas exige bastante da guarnição, não só do ponto de vista físico mas também psico-motor. Esta constatação aconselha a que seja ponderada a necessidade de reavaliar os perfis para cada cargo da guarnição, restabelecendo, ou não, os requisitos de selecção.

No âmbito dos cursos de qualificação, a escola ministra ainda um curso avançado para chefe de carro (*Chief Master Gunner*), que se destina essencialmente a Sargentos com larga experiência e que irão desempenhar as funções de Sargento de Pelotão de CC.

A formação dos operadores de CC é suportada por vários auxiliares de instrução com particular destaque para os simuladores, nomeadamente: simulador de tiro para o apontador (fig 4); simulador de treino de guarnição; Video Training Equipment (VTE) (fig 5); simulador de condução dinâmico 3D (fig 6) e Simulador Estático para a Instrução de Conductor.

Como pormenor relevante importa salientar que o corpo de instrutores da componente técnica da Escola de Cavalaria é composto apenas por militares da categoria de sargentos. A título de exemplo, atente-se que o Pelotão de Instrução de Carros de Combate é composto por dois oficiais e 19 sargentos.

A instrução de Técnica e Condução de Tiro termina com um LFX nas carreiras de tiro de Bergen-Hohne onde durante uma semana os cursos de Chefes de Carro, Apontadores e Muniçioneiros, realizam conjuntamente as tabelas de tiro em vigor no Exército holandês. Estas tabelas, à semelhança do que acontece no exército cuja doutrina tem servido de referência a Portugal nesta matéria, estão organizadas por níveis: nível 1 (guarnição); nível 2 (secção) e por aí adiante.



Fig. 4 - Simulador de tiro para o apontador.

A sessão de tiro organizada para os militares portugueses incluiu a tabela de tiro nível 1, alguns exercícios do nível 2 e teve como ponto alto, um exercício combinado recreando todas as possibilidades de tiro. Igual destaque mereceu também o tiro a 2500 m com munições HEAT, pela oportunidade criada de se treinarem técnicas e procedimentos específicos.

No total da sessão, foram percorridos cerca de 100 km, utilizadas 119 munições de instrução do tipo APFSDS, 20 munições de instrução do tipo HEAT e ainda 20 cunhetes de munições 7.62 mm. Normalmente o crédito de munições de 120 mm para a execução desta sessão é de 150. O diferencial entre o crédito disponível e o quantitativo disparado, deriva da metodologia holandesa cujo princípio é não gastar munições se o objectivo do exercício é alcançado no primeiro disparo.

#### 4. DESAFIOS PARA O EXÉRCITO E PARA A CAVALARIA

A introdução de um novo sistema de armas em qualquer organização é sempre um momento de especial delicadeza pela necessidade de criar e desenvolver novos procedimentos, rotinas e conceitos, algumas vezes muito distintos dos tradicionalmente estabelecidos. Isto é particularmente verdade quando essa introdução representa, como é o caso, um salto tecnológico significativo com elevado impacto organizacional.

Para facilitar a leitura agrupamos em quatro grandes áreas aqueles que julgamos serem os maiores desafios da chegada dos *Leopard 2 A6* a Portugal: a Organização, a Forma-

ção e Treino, a Sustentabilidade e a Simulação.

#### Organização

O processo de transformação recentemente encetado pelo Exército Português traduziu-se em profundas alterações organizacionais, mormente na clara separação entre a Estrutura Base do Exército (EBE) e a Força Operacional do Exército (FOPE). Neste domínio, as competências da estrutura de ensino e formação ditaram que a EPC, enquanto entidade responsável por garantir o ensino e formação dos quadros e tropas da Arma, ficasse na exclusiva dependência do Comando da Instrução e Doutrina (CmdInstrDoutr), perdendo assim a antiga ligação à componente operacional decorrente da existência de um Encargo Operacional, entretanto desaparecido.

A chegada a Portugal dos *Leopard 2 A6* e a superior definição de que ficarão, na totalidade, localizados na BrigMec, associado ao seu quantitativo, terão certamente repercussões transversais. No domínio organizacional, desde logo e entre outras, se levantam algumas questões a que convirá dar resposta: Qual a estrutura organizacional a adoptar? Que valências de manutenção deverão existir no GCC e na unidade de manutenção intermédia de A/D? Sobre quem recairá a responsabilidade pela Formação?

Do ponto de vista estrutural dois aspectos poderão influenciar as estruturas orgânicas, em particular da Brigada Mecanizada. Um prende-se com o número de CC (37) adquiridos, que não permite equipar o GCC em consonância com a estrutura orgânica aprovada. O segundo aspecto, que poderá influenciar não só a estrutura do GCC mas tam-



Fig. 5 - Video Training Equipment.

bém a do BApSvc, relaciona-se com o conceito de manutenção, ainda em fase de definição. Por agora apenas nos debruçaremos sobre a estrutura operacional dado que a definição de um conceito de manutenção cai na esfera da sustentabilidade.

No tocante ao GCC foi admitida a possibilidade de se reorganizar os Pelotões de Carros de Combate a 3 CC tendo em vista a manutenção de um Grupo a três esquadrões. Sobre esta questão, apenas se relembra que até a “pacifista” Suíça, tem os seus pelotões de *Leopard 2 A6* organizados a quatro CC e, mais recentemente, a Dinamarca, também ela com uma organização a três CC, projectou para o Afeganistão um pelotão de *Leopard 2 A6* organizado a quatro CC. A Inglaterra, por exemplo, embora organize os pelotões a três CC, possui uma organização quaternária no escalão esquadrão, perfazendo cada ECC 14 CC. Quando em operações, rearticula o Esquadrão a três pelotões a quatro CC cada.

Entre outras considerações de ordem tática, permitimo-nos apenas equacionar três argumentos que não nos parecem aconselhar a organização a três carros de combate: o efectivo dos pelotões diminuiria substancialmente, sendo o Grupo reduzido em nove sargentos e 24 praças o que, embora sempre apetecível numa política de emagrecimento, coloca em causa a capacidade de um esquadrão montar Pos-





Instrução dos Condutores.

Importa ainda definir se o modelo de formação assentará ou não em simuladores e, se for esse o caso, que tipo de simuladores e qual o nível de simulação a atingir face ao número de guarnições a formar anualmente. Parece consensual que acções de formação com duração que vão dos 5 aos 15 dias, não são compagináveis com a necessidade de qualificar guarnições capazes de cumprir missões cada vez mais exigentes do ponto de vista do desempenho e prontidão, tirando o melhor partido dos equipamentos sofisticados disponíveis.

E, uma vez que falamos de formação e treino, torna-se também imperativo abordar e dar a devida importância àquilo que, salvo melhor opinião, constituindo o *core business* de uma guarnição de CC, tem sido relegado para segundo plano devido a constrangimentos de ordem orçamental. Falamos da Técnica e Conduta de Tiro.

A fim de melhor ilustrar esta preocupação, atente-se que, numa abordagem sistémica, cada apontador a fim de cobrir todo o espectro de possibilidades de tiro

conferidas pelo CC tem de gastar pelo menos 28 munições de treino do tipo APFSDS. Para além destas, há ainda que contabilizar as cinco munições por carro necessárias à regimagem. Tal procedimento, a não ser efectuado, compromete toda uma sessão de tiro. Se analisarmos as Fichas de Apresentação do Curso de Apontadores, nomeadamente os custos totais por formandos, é fácil concluir qual o número de tiros disparados. Urge pois, repensar o problema face ao novo desafio e redefinir a formação de modo a torná-la credível e aliciante tendo em vista melhorar qualificações e justificar e rentabilizar o investimento efectuado.

É aqui, nesta área transversal a todo o Exército, que os Cavaleiros terão seguramente uma palavra, dando mostras da vitalidade e do génio que sempre caracterizou a sua vontade colectiva.

Por fim uma nota sobre a formação dos quadros. É talvez o maior desafio que se coloca ao Exército e à Arma, pois sobre estes reside o futuro da Cavalaria.

Como resultado das recentes al-

terações introduzidas pela adesão ao Processo de Bolonha, em particular nos tempos de instrução deixados à parte técnica, torna-se imperativo estudar e definir se, tal como até aqui, todo o oficial tirocinante e sargento do CFS continua a ter formação em todas as áreas (Reconhecimento, Carros de Combate e Polícia do Exército) recebendo consequentemente instrução sobre toda a panóplia de viaturas que equipam as unidades de cavalaria do sistema de forças nacional, ou se, à semelhança de outros exércitos, se envereda por um percurso formativo onde se recebe formação de acordo com a função que se prevê vir a desempenhar. É uma discussão nova, complexa e difícil mas que se tornará incontornável à medida que a realidade se for impondo às nossas percepções.

### Sustentabilidade

Desde cedo se instalou na Equipa de Projecto a percepção de que a manutenção e sustentação não iriam constituir tarefa fácil. A predominância da electrónica associada ao facto do *Leopard 2 A6* ser originá-



Instrução sobre a mudança da Peça de 120 mm.

rio da Alemanha representam um romper com o passado e resultam numa total falta de conhecimento e de experiência sobre o sistema, da sua utilização e das consequências da sua utilização, em conjunto com os restantes meios do Exército, nomeadamente no capítulo da manutenção e da sua estrutura. A este respeito diga-se, por exemplo, que o Exército holandês não domina toda a tecnologia necessária à manutenção do CC, tendo optado por recorrer ao mercado civil especializado.

Neste capítulo as dificuldades começam quando, de acordo com a doutrina holandesa, a manutenção do *Leopard 2 A6* se divide em manutenção do 1º e 3º escalões, mas está toda ela localizada junto da unidade apoiada, o GCC. Esta situação colide com a doutrina nacional, onde a manutenção de 3º escalão é feita ao nível da unidade de manutenção intermédia de apoio directo (A/D). A natureza do equipamento e a tipologia de avarias, principalmente ao nível da torre, onde quase tudo é 3º escalão, aconselham a que a manutenção seja con-

centrada, ao invés de se repartirem as responsabilidades por vários níveis. Logo se infere que, também nesta área, os conceitos e procedimentos, até aqui considerados válidos, terão que ser reanalisados e revistos. Resultante desta avaliação, decorrem em sede própria os estudos conducentes à definição de um conceito de manutenção. A este propósito, é nossa opinião, sustentada por nove meses de observação das actividades de manutenção nas unidades holandesas que, não obstante uma abordagem por níveis de manutenção apontar, à primeira vista, diferenças significativas comparativamente com a doutrina nacional, não parece que elas, *de per se*, justifiquem a necessidade de alterações profundas aos conceitos vigentes.

Existem pelo menos quatro factores que deverão ser ponderados aquando da definição do conceito de manutenção do CC *Leopard 2 A6*: o número de carros (37); o reduzido número de colecções de ferramenta especial e equipamentos de diagnóstico; a localização das infraestruturas de manutenção e a definição de relações técnicas e hierárquicas. Quanto ao 4º escalão apenas recordamos, baseados nas conversas tidas com especialistas, que esta é uma actividade desenvolvida em estreita ligação com firmas civis habilitadas, não tendo os exércitos alemão ou holandês desenvolvido uma capacidade auto-suficiente neste domínio. Para nós, o principal desafio que se coloca no âmbito da sustentabilidade é o da criação de um sistema cujos custos de investimento e sustentação sejam viáveis, do ponto de vista custo-eficácia-competências adquiridas.

### Simulação

A simulação constitui uma questão associada à Formação e Treino.

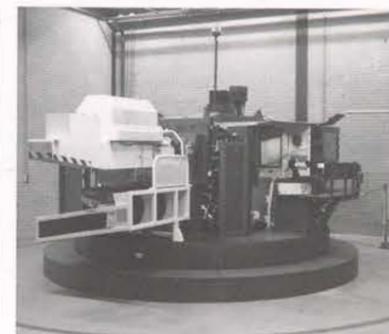


Medições para se determinar os valores a introduzir no Computador balístico.

A sua transversalidade levou-nos, no entanto, a tratá-la em separado. A qualidade da instrução ministrada, a sua eficiência e a redução de custos, a todos os níveis, que esta abordagem facilita, é extremamente significativa, embora não tenhamos ainda indicadores próprios que permitam a sua quantificação.

Refira-se, como exemplo, que no modelo holandês a instrução incorpora uma forte componente de simulação que representa 50 a 60% do tempo total de instrução. Já nas unidades operacionais, nenhuma guarnição é autorizada a realizar uma sessão de tiro real sem que conclua com êxito as respectivas sessões no simulador.

O Exército tem a percepção clara de que a simulação é uma realidade incontornável, constituindo uma preocupação, já expressa pelo Exmo Gen CEME.





# O Carro de Combate LEOPARD 2 A6 no Grupo de Carros de Combate

## 1. ENQUADRAMENTO

A entrada ao serviço do Carro de Combate Leopard 2 A6 representa um salto tecnológico significativo e implicará, por isso, mudanças nos procedimentos técnicos, táticos e doutrinários de modo transversal e abrangente afectando todo o Grupo de Carros de Combate (GCC).

A adopção deste sistema de armas implica, resumidamente, uma melhoria substancial e significativa da:

- Mobilidade – através de um aumento da velocidade, quer em todo o terreno, quer em estrada; das capacidades de transposição de cursos de água e da potência do motor;
- Poder de Fogo – através do uso de um sistema digital de controlo de tiro com a existência de duas câmaras térmicas independentes (chefe de carro e apontador); uso de uma arma principal de maior calibre (120 mm), com estabilização total da peça e da metralhadora coaxial e com a possibilidade de empregar uma variedade de munições de maior potência e efeitos; em resu-

mo um aumento da eficiência/eficácia ao 1º disparo;

- Protecção e Sobrevivência – através de uma blindagem modular composta de terceira geração, do tipo “add on”, reforçada na parte frontal da torre; uso de abas/saias protectoras laterais do trilho e sistema de locomoção; menor ruído em operação; uso de sistemas de pressurização e filtragem de ar; separação física do compartimento da torre em relação ao local de armazenamento das munições; possibilidade de instalação de dispositivos de protecção contra minas anti-carro.

A chegada do Leopard 2A6 não levará ao abandono definitivo do Carro de Combate M60A3TTS, ficando estes dois sistemas em uso simultaneamente no Grupo de Car-

ros de Combate, o que implicará um esforço acrescido e redobrado não só no que diz respeito ao emprego de meios como à sua sustentação e organização.

## 2. INFRA-ESTRUTURAS

Irá ser utilizado o telheiro (fig. 1) localizado junto ao topo SUL do Quartel da Cavalaria para parqueamento dos novos Carros de Combate. Esta instalação de construção relativamente recente (anos 90) sofrerá ligeiras adaptações, nomeadamente no que diz respeito à instalação de um sistema de desumidificação e um sistema de carregamento de baterias a viaturas em parque.

Tendo em consideração as características do novo Carro de Com-



Figura 1 - Telheiro no Topo Sul do Quartel da Cavalaria.



Figura 2 - Bico-de-Pato.

bate e o estado de conservação das actuais infra-estruturas irá ser apropriado e reforçado o pavimento nas áreas de circulação junto às placas de lavagem e fossas de lubrificação, será reconstruído o “bico-de-pato” (fig. 2) e a zona das fossas de lubrificação (fig. 3) irá sofrer melhoramentos no que diz respeito à iluminação, piso e rede do sistema de ar comprimido aí instalado.

No Batalhão de Apoio de Serviços da Brigada Mecanizada irá ser construído de raiz um novo Hangar Oficina que possibilitará a manutenção não só dos novos Carros de Combate como de outras viaturas e equipamentos. Resultante da construção desta nova infra-estrutura irá também ser construída uma área de lavagem de viaturas, uma estação de separação de hidro-carbonetos, a pavimentação de uma área destinada a um parque de baixas e a apro-

priação de todo o itinerário que serve de ligação ente o Batalhão de Apoio de Serviços e o Quartel da Cavalaria.

Encontra-se ainda a ser equacionada a construção de uma infra-estrutura “deep fording” que permita realizar não só os testes de pressão aquando da passagem de cursos de água até 4 metros de profundidade (com recurso a equipamento “snorkel”, que ainda não foi adquirido) bem como o treino das guarnições neste tipo de operações.

## 3. MANUTENÇÃO

Com um sistema de armas tão sofisticado como o do Carro de Combate Leopard 2A6, é certo que os actuais conceitos relacionados com a manutenção têm que ser re-

vistos e reformulados.

A natureza dos meios em questão não aconselha a divisão mas sim a concentração dos recursos associados à sua manutenção, num mesmo local e de preferência junto à Unidade que emprega os Carros de Combate. Assim foi decidido concentrar a manutenção dos Carros de Combate Leopard 2A6 na Brigada Mecanizada, no Grupo de Carros de Combate e no Batalhão de Apoio de Serviços (daí a construção do novo Hangar Oficina atrás referido).

O Grupo de Carros de Combate manterá as suas actuais instalações de manutenção (Hangares de Manutenção) empenhadas da mesma forma que se processa actualmente, aí irá ser realizada a manutenção dos Carros de Combate M60A3TTS e restantes viaturas de lagartas e rodas da Unidade. No que se refere aos Carros de Combate Leopard 2A6, no Grupo de Carros de Combate, será feita basicamente a manutenção de 1º Escalão/Operador ficando a restante manutenção a cargo da Companhia de Manutenção do Batalhão de Apoio de Serviços. Encontra-se ainda por definir a forma como será realizada a manutenção dos equipamentos de comunicações designadamente os circuitos de manutenção e reabastecimento, as responsabilidades e os locais de execução dos trabalhos de manutenção.

## 4. INSTRUÇÃO E TREINO

Este assunto irá ser condicionado com a localização definitiva dos meios. Assim partindo do pressuposto que todos os Carros de Combate Leopard 2A6 ficarão na Bri-



Figura 3 - Zona das fossas de lubrificação.

gada Mecanizada, será aí que irão decorrer todas as acções de formação e de treino operacional.

Importa referir que compete às Escolas Práticas a formação inicial, pelo que devem ser estas a providenciar os recursos humanos destinados a assegurar as actividades de formação possibilitando às unidades operacionais os recursos necessários ao cumprimento da sua missão primária.

No que diz respeito ao treino, este novo sistema de armas implicará a existência obrigatória de sistemas de simulação, estes proporcionam, além da padronização e automatização de procedimentos e rotinas, a economia de recursos humanos e financeiros. Só com estes meios se poderá desenvolver, aperfeiçoar, testar e validar a proficiência das guarnições.

Todo o treino irá ser orientado para a conduta de tiro, quer no que diz respeito à guarnição do Carro de Combate propriamente dita, quer no que diz respeito à resolução de possíveis problemas ou avarias por parte dos técnicos de manutenção.

## 5. OUTROS EQUIPAMENTOS

Neste aspecto levanta-se a necessidade de proceder à aquisição de meios de recuperação, plataforma de transporte e meios de travessia de cortaduras e pequenos cursos de água, visto que as características do Carro de Combate M60 e do Leopard 2A6, relativas às dimensões e pesos não permitem o emprego dos actuais meios (Viatura de blindada de recuperação M88, Viatura Blindada Lança Pontes M60A1 e tractor com semi-atrelado 50 TON MA/87).

Encontra-se em estudo um con-

junto de possíveis soluções tendo já ocorrido a apresentação de uma viatura de recuperação (*WISENT*) e lança pontes (*BEAVER 70*) por parte da empresa alemã *Flensburger Fahrzeugbau Gesellschaft* (FFG).

Paralelamente com as questões anteriores está a ser equacionada a aquisição de equipamentos de comunicações, uma vez que os Carros de Combate Leopard 2A6 não vêm equipados com sistemas de comunicações, apenas possuem uma pré-instalação (cablagem) para receber os equipamentos da família do E/R 525. Este problema assume especial gravidade em termos de formação e de emprego operacional, implicando uma séria limitação no uso do novo sistema de armas.

Encontra-se para aprovação superior um pedido de participação de Portugal no *Leopard Users Group* (LEOBEN) que congrega os países que tem ao serviço este carro de combate e que proporciona o estabelecimento de parcerias e a obtenção de sinergias e ensinamentos relacionados não só com aspectos logísticos, como com aspectos relacionados com o emprego do Carro de Combate Leopard 2A6.



Figura 4 - Zona das Placas de Lavagem.

## 6. ORGANIZAÇÃO

A organização do Grupo de Carros de Combate com Carros de Combate Leopard 2A6 deve ter por base a sua doutrina de emprego. Seguindo este princípio e sabendo que a doutrina que tem servido de referência ao Exército Português tem sido a usada pelo Exército dos Estados Unidos da América e que tem como grande vantagem, em relação a outras, o facto de ser testada e comprovada em combate, ficamos com a impressão que deve ser adoptada uma doutrina similar à norte-americana ou no mínimo em uso por um país com experiência em conflitos.

No caso dos países que têm ao seu serviço o Carro de Combate Leopard 2A6 (Áustria, Alemanha, Canadá, Chile, Dinamarca, Espanha, Grécia, Holanda, Noruega, Singapura, Suíça entre outros) verifica-se que à excepção da Espanha<sup>1</sup> e da Dinamarca todos utilizam Unidades de Carros de Combate com Pelotões a 4 Carros de Combate. Conforme artigo publicado recentemente na Revista *EJÉRCITO*, nº 809 de Setembro de 2008 (páginas 76 a 83), também

no Exército Espanhol está a ser avançada a proposta de reorganizar Pelotões a 3 Carros de Combate para Pelotões organizados a 4 Carros de Combate, uma vez que estes últimos apresentam uma maior flexibilidade, possibilidade de actuação por parilha no ataque a objectivos múltiplos, apoio mútuo dentro da manobra das Secções de Carros e maior capacidade de desempenhar missões em combate urbano.

Salienta-se ainda que a Alemanha, país de origem do Carro de Combate Leopard, e o Reino Unido (que passou de uma organização de Pelotões a 3 para 4 Carros de Combate), têm sido os países que mais ensinamentos tem colhido sobre o emprego deste sistema de armas em situações de conflito, sendo por certo os países com uma doutrina que mais se aproxima da nossa anterior doutrina de referência, têm na sua organização Pelotões de Carros a 4 Carros de Combate.

A organização dos Pelotões de Carros a 4 Carros de Combate permitirá manter o modo de emprego dos Carros de Combate, bem como a capacidade efectiva de cumprir todo o tipo de missões e tarefas que podem ser atribuídas às Unidades de Carros.

Assim, face ao quantitativo de Carros de Combate adquirido, julgamos que devem ser constituídos dois Esquadrões, cada um com três Pelotões (a 4 Carros de Combate) num total de 14 Carros por Esquadrão, sendo atribuído ao Comando do Grupo de Carros de Combate mais 2 Carros de Combate. Em alternativa a mesma organização mas com três esquadrões a 2 pelotões (o que implica um total de 32 Carros). Para ambas as modalidades os Carros de Combate sobrantes deverão constituir

um Pelotão de Instrução e um Volante de Prontidão Operacional (VPO)<sup>2</sup>.

## 7. CONCLUSÕES

Importa equacionar todo um conjunto de questões acessórias relacionadas com o emprego do novo carro de combate que se estendem desde os recursos materiais aos recursos humanos.

A motivação dos quadros e o salto tecnológico obtidos pela entrada em serviço deste novo sistema de armas constitui, sem dúvida, um factor positivo e motivante que irá incrementar as capacidades para o cumprimento de todas as missões ao longo de todo o espectro da guerra.

Esta será porventura, a médio e longo prazo, a única oportunidade em que se verifica uma modernização substancial, qualitativa e significativa dos meios, que implicará um conjunto de transformações que não se irão limitar exclusivamente ao emprego dos meios materiais e humanos, mas também a tudo o que se relaciona com a formação, treino e sustentação logística.

No âmbito dos recursos humanos, já foi definido por despacho de SExa o GEN CEME a colocação na situação de inamovibilidade, durante cinco anos, na Brigada Mecanizada, dos militares que frequentaram as acções de formação na Holanda, faltando agora definir em relação à formação ministrada em Portugal. Neste aspecto importa também estabelecer directrizes quanto ao perfil dos diferentes elementos da guarnição, ao percurso e competências a adquirir durante a formação e ao tempo em que deverão permanecer disponíveis nas

unidades de colocação, após a sua qualificação.

Parece-nos que o caminho en-cetado com vista à cooperação com o Exército Espanhol foi um boa medida podendo o Exército em geral e o Grupo de Carros de Combate em particular obter elevados benefícios em termos de utilização e emprego dos meios, bem como na recolha de ensinamentos sobre a sua sustentação logística.

A recepção de 37 novos Carros de Combate, mais um carro de instrução de condução "buggy", já a partir de Outubro deste ano (8 CC + 1 "buggy"), no Grupo de Carros de Combate irá ser uma oportunidade e um desafio não só para a Unidade (GCC) como para a Arma de Cavalaria e para o Exército permitindo uma evolução do emprego da força militar.



### NOTAS

<sup>1</sup> Somente nas unidades de Infantaria. Os Esquadrões de Reconhecimento (*Caballeria*) continuaram organizados a 4 Carros de Combate.

<sup>2</sup> Nesta abordagem não consideramos a atribuição de Carros de Combate Leopard 2A6 ao Esquadrão de Reconhecimento, visto as organizações actuais destas Unidades apontarem para meios mais ligeiros e mais sofisticados de reconhecimento como sejam os *Unmanned Aerial Vehicle* (UAV) em detrimento dos meios de combate com elevado potencial de fogo e de choque.





## Do Grupo de Auto-Metralhadoras (GAM) ao Agrupamento MIKE/Brigint/Kfor



A elaboração de um artigo sobre a metamorfose do GAM em Agrupamento MIKE/BrigInt/KFOR, por envolver a Unidade escolhida para se constituir numa Força Nacional Destacada (FND), o GAM, pressupõe a elaboração de uma breve retrospectiva sobre as origens das duas Unidades. Estas Unidades, embora com designações diferentes, completam-se e fundem-se nas suas origens sem perder, no entanto, as suas tradições e características que são o garante da sua identidade e missão próprias. Falar do Agrupamento MIKE sem o associar ao GAM seria como dissertar sobre o Universo ignorando o *Big Bang*<sup>1</sup>. Assim, tal como o nosso Universo teve um momento crucial do qual surgiu

TCOR Cav JOCELINO RODRIGUES  
Cmdt Agr MIKE/BrigInt/KFOR



toda a matéria actualmente existente, também o Agrupamento MIKE teve a sua génese no GAM.

O GAM surge no âmbito da transformação da Brigada Ligeira de Intervenção (BLI) em Brigada de Intervenção (BrigInt), no quadro da transformação do Exército levada a cabo a partir do ano de 2004, com a aprovação do Sistema de Forças Nacionais, Componente Operacional (SFN 04 – COP).

Através de diversos Despachos e Directivas, o GAM nasce no Regimento de Cavalaria N.º 6. Destaca-se a título de referência, o Despacho de 25Jan05, do Exmo. GEN CEME em que aprovou a proposta das tarefas a implementar, durante o ano de 2005, de transição para a nova estrutura definida na Directiva para a Transformação do Exército. No âmbito das acções para transformar a BLI em BrigInt,

entre outras, está previsto o levantamento do GAM (Comando e um Esquadrão de Auto-Metralhadoras), com os meios existentes. Por despacho de 15Fev06 de S. Ex.ª o GEN CEME é aprovado o QO n.º 24.0.13 do GAM. O RC6 é incumbido de proceder ao levantamento do GAM; em 02Out06, são colocados os primeiros Oficiais, Sargentos e Praças no 1.º Esquadrão de Auto-Metralhadoras (O.S. n.º 183/RC6).

O nascimento de uma Unidade não é um acto muito frequente e neste âmbito, todas as dificuldades associadas aos “primeiros passos” de tão inusual facto são inevitáveis. A criação de um Grupo de Auto-Metralhadoras não podia ser



encetada de ânimo leve. Bem pelo contrário, a tarefa exigiu muito trabalho, dedicação e sacrifícios de diversa ordem. A formação foi uma das áreas em que a preocupação foi mais elevada, houve ainda a premência em adquirir meios e adaptar e melhorar as instalações. No entanto, apesar de todas as dificuldades, “a carta foi levada a Garcia”.

Desde a sua génese o GAM planeou, executou e participou em inúmeros exercícios CPX, FTX e LFX, nomeadamente os exercícios da série DRAGÃO, ORION, ROSA BRAVA e ainda exercícios de escalão Batalhão envolvendo o apoio à formação dos futuros quadros da Arma de Cavalaria, quer no âmbito das operações convencionais, quer das Operações de Apoio à Paz.

Refira-se, ainda, a participação e organização de diversas actividades e eventos, nomeadamente Campeonatos Desportivos Militares (CDM), seminários e conferências.

No âmbito da doutrina, o GAM deu o seu contributo na elaboração de Quadros Orgânicos de Material e de Pessoal, revisão do

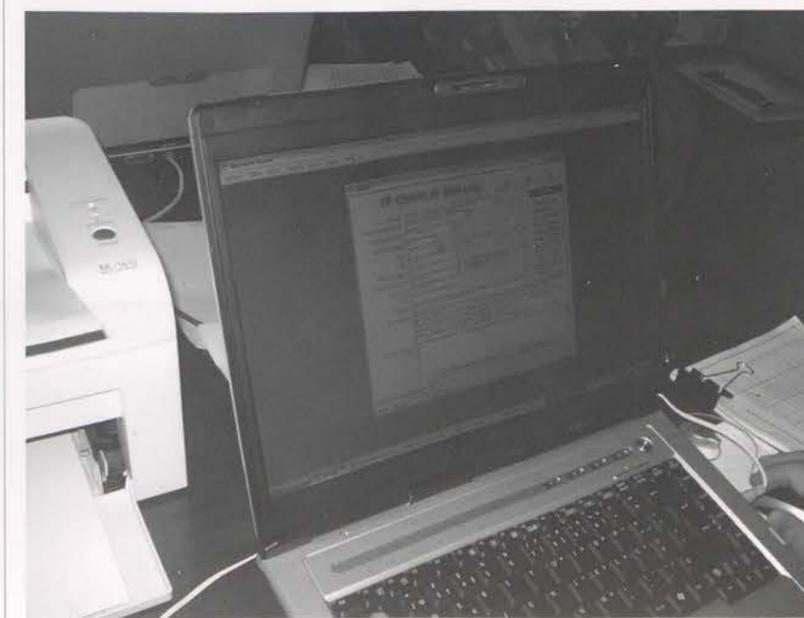


Regulamento de Campanha – Operações e Regulamento de Campanha – Informações e desenvolveu artigos para os Boletins Informativos do Agr MIKE, do RC 6, da BrigInt e para o Jornal do Exército.

No campo da I&D<sup>2</sup>, o GAM esteve sempre na primeira linha, apostando numa política proactiva, que deu origem a diversos projectos nomeadamente, a elaboração de um guia prático do SICCE<sup>3</sup>, elaboração do Manual Prático dos Sistemas de Comando e Informação e, com especial destaque, o WarLog<sup>4</sup>: uma ferramenta digital que se revela de extrema utilidade na acção de

comando das unidades militares em exercícios e operações. Em simultâneo, adoptou-se uma filosofia gradual de digitalização aos níveis do Estado-Maior (EM) e das sub-unidades acompanhando o movimento informático da casa mãe, o RC6.

Fruto dos compromissos internacionais assumidos pelo Estado Português e, no âmbito da contribuição para a estabilização da paz no Kosovo, através da Directiva N.º 18/EME/08 do CEME, é ordenada à BrigInt o aprontamento de uma Unidade de Escalão Batalhão (UEB) com a seguinte composição: Cmd e EM; uma Companhia de Apoio de Serviços



(ALFA COY) e duas Companhias de Manobra (BRAVO COY e CHARLIE COY).

Feita a retrospectiva sobre o GAM, é agora possível afirmar que o Agrupamento MIKE foi constituído tendo por base o Grupo de Auto-Metralhadoras (GAM) da BrigInt, sendo o Regimento de Cavalaria N° 6, a Unidade responsável por apoiar em primeira instância o aprontamento. Deste modo, a 01 de Março de 2008, iniciou-se, com a primeira fase do aprontamento – Nivelamento, uma jornada cujo epílogo está para breve com a finalização da projecção da Força prevista para 26 de Setembro de 2008.

O GAM por força das directivas superiores transformou-se em Agr MIKE/BrigInt/KFOR e para preencher a totalidade da Estrutura Operacional de Pessoal (EOP), recebeu uma Companhia de Atiradores do RI 13 a dois pelotões, que foi completada com um Pelotão de Atiradores do RG 1/ZMA, um módulo de engenharia do RE 3, um Módulo de Apoio do CTOP, um Módulo de

Transmissões da EPT e militares de diversas UEO que integraram o EM e a Companhia ALFA.

Em termos de efectivos é possível afirmar que o Agr MIKE contempla militares de praticamente todas as Unidades e regiões de Portugal.

### Missão do Agr MIKE:

O AgrMIKE/BrigInt/KFOR planeia, prepara e conduz o seu aprontamento entre 03MAR08 e 01SET08, para ser empregue como Reserva Tática da KFOR no âmbito da Operação “JOINT GUARDIAN” no TO do KOSOVO; prepara-se para ser projectado para o TO durante a 1ª quinzena do mês de Setembro de 2008.

O conceito para o aprontamento teve como linhas orientadoras:

– Realizar o aprontamento de forma sequencial, do treino individual para o treino das tarefas colectivas, abarcando inicialmente tarefas de operações convencionais e finalizando com as tarefas de Operações de

Apoio à Paz (OAP);

- Executar, ao longo do aprontamento, as diversas tabelas de tiro da armas orgânicas da força, manter ou melhorar a capacidade física de todos os militares, efectuar a preparação sanitária do pessoal bem como a sua preparação linguística (Inglês) e frequentar os cursos e estágios necessários;
- Conduzir o aprontamento em cinco fases:
  - Fase I – Treino de Nivelamento;
  - Fase II – Treino de Operações Convencionais;
  - Fase III – Treino orientado para a missão;
  - Fase IV – Avaliação (CREVAL<sup>5</sup>) e exercício PRISTINA 082;
  - Fase V – Preparação da projecção e projecção da força para o TO.

A Fase I - Treino de Nivelamento - visou conferir a todos os militares do Agrupamento um conhecimento idêntico em termos de Técnica Individual de

Combate (TIC), para colmatar deficiências de formação e treino nesta área face aos diferentes *backgrounds* e UEO de origem dos militares do MIKE. Esta fase culminou com a realização do Exercício PRISTINA START 082, no período de 07 a 11Abr08, na região da serra da CABREIRA.

### EXERCÍCIO PRISTINA START 082

O Exercício PRISTINA START 082 teve como finalidade consolidar e validar a formação e o treino ministrados na fase I do Programa de Treino Operacional – Nivelamento - no âmbito da técnica individual de combate, bem como permitir a execução de tiro real com todas as armas orgânicas em utilização no TO do KOSOVO. Garantir que os militares ficassem aptos a executar os procedimentos individuais e colectivos (nível secção) de acordo com a situação e ameaças com que possam vir a ser confrontados no TO, fazendo a correcta utilização do seu armamento e equipamento individual, bem como, testar todos os aspectos técnicos e administrativo-logísticos, necessários para garantir o apoio necessário à Força.

O Exercício PRISTINA START 082 atingiu todos os objectivos propostos completando assim a primeira fase do aprontamento do Agr MIKE. O empenhamento e dedicação individual e colectiva revelaram-se fundamentais para a cabal execução de todas as tarefas propostas.

Simultaneamente, o exercício PRISTINA START 082 englobou outras actividades operacionais:

- Exercício *TEAM SPIRIT 082*



(execução de um percurso topográfico, na Serra da Cabreira, constituído por catorze estações, numa extensão total aproximada de 40 quilómetros);

- Exercício VULCANO (LFX<sup>6</sup>): compreendeu a execução do tiro com as armas colectivas em utilização no TO do KOSOVO bem como o lançamento de granadas de mão.

A Fase II (Treino de Operações Convencionais) transmitiu conhecimentos em diversas áreas das Operações Convencionais, destacando-se o Tiro de Combate

Individual e Colectivo e o Combate em Áreas Edificadas (CAE). O exercício DRAGÃO 08 (Modalidades CPX<sup>7</sup> e FTX<sup>8</sup>) constituiu uma excelente oportunidade para a colocação em prática dos conhecimentos adquiridos através de uma operação convencional (Operação Defensiva), que, posteriormente, evoluiu para uma operação de estabilização – Operação de Apoio à Paz.







## "Os meus Livros"



O Conde de Lippe escreveu em 1762, num dos vários documentos doutrinários que constituiu o imenso legado deixado na sua reorganização, que "a leitura serve para formar-se o espírito militar e prover-se de ideias: por ela se enriquece com as luzes e com a experiência dos outros: e os senhores oficiais não poderão melhor, nem mais agradavelmente (para aqueles que amam a sua profissão) empregar, do que na leitura, as horas de descanso que deixam, especialmente no tempo de paz, as funções do serviço diário". O espírito inerente a estas palavras mantém-se actual, só que, num exército de voluntários, este esforço deve ser extensivo a todas as categorias – Oficiais, Sargentos e Praças –, no fundo, a todos os que "amam a sua profissão".

A Revista da Cavalaria convida, em cada número, um militar a partilhar uma meia dúzia de livros que tenham sido determinantes para a sua vida profissional e que entenda ser de mérito a sua partilha com outros profissionais de armas.

O Coronel de Cavalaria Viriato Amaral é o nosso convidado deste número. Entre as funções que desempenhou, funções em diversas Unidades da Arma e do Exército, destacam-se as funções de Comandante de um Esquadrão de Carros de Combate, Comandante de uma Companhia de Cadetes na Academia Militar e 2º Cmdt do Agr ALFA/SFor (Mar98-Fev99). Actualmente é o Comandante da Escola Prática de Cavalaria.

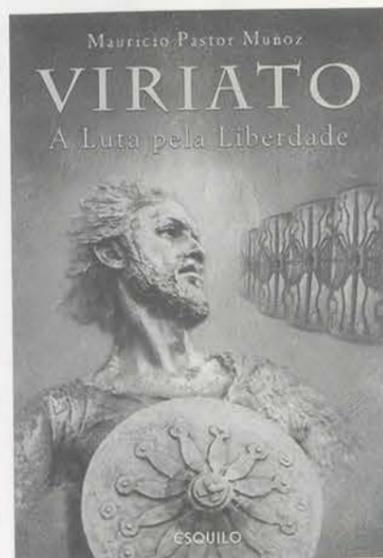
*A Direcção da Revista da Cavalaria*

Ao ter assumido o compromisso com a Revista da Cavalaria no sentido de partilhar com os seus leitores, alguns livros que mais me influenciaram como profissional de armas, reconheço que tal tarefa não ser fácil de executar, porquanto, pela leitura dos últimos números desta revista, a referência feita a diversa biblioteca por uma pléiade de personalidades da nossa Arma, fico com a sensação que pouco mais poderei acrescentar, pelo facto de algumas dessas obras literárias também terem sido minhas referências. Todavia, em vários momentos da minha formação pessoal e profissional, a necessidade de compreender e aprofundar determinados assuntos levou-me a socorrer da leitura de certos livros que contribuí-

ram inequivocamente para alcançar esse desiderato, e dos quais passo a indicar alguns:

### 1. VIRIATO – A LUTA PELA LIBERDADE, do Maurício Pastor Munoz.

Com esta obra é dado a conhecer melhor uma das personagens mais importantes da nossa história antiga – que foi Viriato –, o indiscutível chefe militar dos lusitanos e defensor da sua liberdade, cujos traços de personalidade se apresentam como um homem sóbrio, justo e fiel à palavra dada e sobretudo como um excelente estratega militar. Nutro especial simpatia por esta ilustre figura nacional, não só pelas



suas virtudes e intrepidez mas também porque sou Viriato!

### 2. AS MURALHAS DE ISRAEL, de Jean Lartéguy.

Este livro magnífico descreve a extraordinária obra sobre o exército e a situação de Israel na rede política do Próximo Oriente, desde "Massada" até à "Guerra dos seis dias", caracterizando a sobrevivência de Israel e realçando: os seus serviços de informações; o perfil e a psicologia dos soldados e das mulheres-soldados israelitas; a mobilização rápida de recursos para as guerras; a estratégia contra a desigualdade impressionante de forças entre os beligerantes; a estratégia da aviação israelita; e a cavalaria dos blindados – guerra relâmpago/de movimento.

### 3. DEFESA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS, do Vice-Almirante Alexandre Reis Rodrigues.



### 4. SEGURANÇA E DEFESA NA VIRAGEM DO MILÉNIO, do General Loureiro dos Santos.



Quando no EMGFA desempenhei funções na Divisão de Planeamento Estratégico Militar, estes dois livros contribuíram para o conhecimento de experiências de países aliados e amigos que poderiam ajudar a definir a estratégia que mais convinha ao nosso País para participação nos esforços colectivos no âmbito da NATO e da UE. Foram determinantes para a compreensão do desenvolvimento de capacidades e planeamento de forças nacionais.

### 5. COMPREENDER OS CONFLITOS INTERNACIONAIS, de Joseph S. Nye, Jr.



Este livro auxilia-nos a desenvolver um enquadramento esclarecido e completo de análise das questões e dos dilemas mundiais recentes, explorando as questões internacionais com que nos defrontamos no século XXI. Deve ser lido, não por ser um relato factual completo, mas pela forma como aborda a interacção entre a teoria e a história. Destacam-se, entre outros, apontamentos sobre: o impacto da globalização e da revolução da informação na estrutura do poder internacional na erapós Guerra Fria; ameaças transnacionais à segurança global; os desenvolvimentos mais recentes da cena internacional, tais como a ascensão da China como potên-

cia económica mundial; os testes nucleares da Índia e do Paquistão; e o papel crescente das "Organizações Não Governamentais" e outros actores não estatais nos assuntos internacionais.

### 6. BREVE HISTÓRIA DO FUTURO, de Jacques Attali.

Este livro conta-nos a incrível «história» dos próximos cinquenta anos, a partir de tudo o que se sabe da História e da Ciência; revelando-nos como irão evoluir as relações entre as nações, e como as perturbações demográficas, os movimentos de população, as mutações laborais, as novas formas do mercado, o terrorismo, a violência, as mudanças climáticas e a influência crescente do religioso trarão o caos ao nosso quotidiano. Neste contexto, também apresenta cenários futuros acerca de Portugal e que pela seriedade como os desenha, são de facto cenários prováveis.



Todos os anos, em muitos exércitos de países nossos aliados na NATO, são emitidas – com o patrocínio dos respectivos generais Chefes de Estado-Maior – listas de livros que pela sua pertinência, intemporalidade e importância constituem excelentes ferramentas de trabalho para o desenvolvimento ético e profissional de todos os profissionais de armas, independente da categoria a que pertençam. Dentro de cada categoria as obras sugeridas são ainda organizadas por postos. Mesmo assim existem obras comuns a toda a hierarquia, geralmente associadas aos temas de liderança e à experiência de combate.

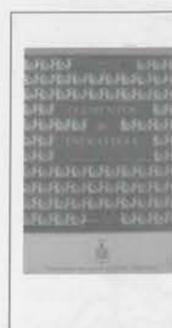
Nesta primeira Lista de Leitura Profissional da Associação Revista da Cavalaria não queremos ir tão longe, simplesmente sensibilizar e dar o nosso modesto contributo para a divulgação da importância da leitura, enquanto ferramenta de trabalho para desenvolvimento individual de cada um dos graduados. Organizámos as nossas obras (algumas das quais já analisadas em detalhe na Revista) por cinco grandes temas: História Militar, Estratégia, Tática, Contra-subversão e Liderança. As obras na língua inglesa são incontornáveis. Boas leituras!

A Direcção da Revista da Cavalaria

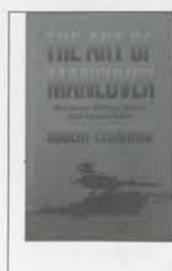
**HISTÓRIA MILITAR**

 <p><b>Título:</b> Uma História da Guerra <b>Autor:</b> John Keegan <b>Língua:</b> Inglesa Trata-se de uma abordagem pluridisciplinar de 4000 anos da história da humanidade na totalidade do globo. A obra é uma referência obrigatória e um contributo inestimável para aprender ou, pelo menos reflectir, em culturas militares alternativas, não só orientais como do mundo primitivo.</p>	 <p><b>Título:</b> Portugal Militar <b>Autor:</b> Carlos Selvagem <b>Língua:</b> Portuguesa Para compreender o que somos hoje como exército e como nação temos de percorrer, lendo, os passos dos nossos antepassados. Trata-se de uma obra de referência da história militar portuguesa e por isso uma obra obrigatória para todos os militares.</p>
--	---

**ESTRATÉGIA**

 <p><b>Título:</b> Elementos de Estratégia (Vol I e II) <b>Autor:</b> Gen Cabral Couto <b>Língua:</b> Portuguesa Esta obra do General Cabral Couto deve ser também uma obra obrigatória para todos os militares. Embora escrita na década de oitenta do século XX, sistematiza a compreensão da Estratégia, Tática e outras áreas do conhecimento.</p>	 <p><b>Título:</b> A Utilidade da Força <b>Autor:</b> Rupert Smith <b>Língua:</b> Portuguesa Para este general do exército britânico as pessoas, quaisquer que sejam e onde quer que estejam, são o campo de batalha. Os confrontos militares podem ocorrer em qualquer lugar: na presença de civis, contra civis, na defesa de civis. A ideia de um novo paradigma.</p>
---	---

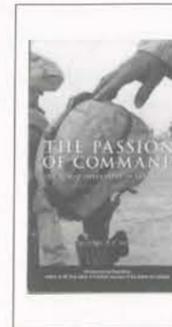
**TÁTICA**

 <p><b>Título:</b> The Art of Maneuver <b>Autor:</b> Robert Leonhard <b>Língua:</b> Inglesa Escrito de forma quase elementar, este livro apresenta e desenvolve o conceito de Guerra da Manobra. Não se trata só de um conceito tático mas de toda uma envolvente mais abrangente de Liderança, Comando e Controlo e Treino.</p>	 <p><b>Título:</b> Maneuver Warfare Handbook <b>Autor:</b> William S. Lind <b>Língua:</b> Inglesa Este pequeno livro, escrito por um civil, apresenta numa abordagem extremamente prática e simples do conceito da Guerra de Manobra. O autor e o livro foram determinantes para a doutrina actual do Corpo de Fuzileiros americanos.</p>
---	--

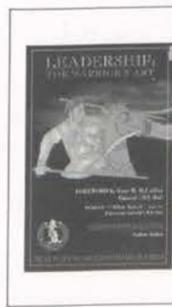
**CONTRA-SUBVERSÃO**

 <p><b>Título:</b> O Exército na Guerra Subversiva <b>Autor:</b> Exército Português <b>Língua:</b> Portuguesa A doutrina que o Exército português produziu no início da década de 60 do século XX continua ainda a ser uma leitura obrigatória para quem cumpre missões em Teatros de Operações como o Kosovo, o Líbano ou o Afeganistão. A Contra-subversão continua na ordem do dia.</p>	 <p><b>Título:</b> The Sling and the Stone <b>Autor:</b> Thomas X. Hammes <b>Língua:</b> Inglesa A obra aborda as guerras actuais que analisa à luz de um novo conceito denominado Guerra de Quarta Geração. Um outro prisma para tentar compreender a subversão.</p>
---	--

**LIDERANÇA**

 <p><b>Título:</b> The Passion of Command <b>Autor:</b> Cor B. P. McCoy <b>Língua:</b> Inglesa É com paixão, no sentido medieval do termo – sofrer por amor – que o autor fala do exercício de comandar uma unidade em combate, o que entende dever ser o culminar de um longo processo individual de estudo, dedicação, reflexão e empenho. Leitura obrigatória para todos os escalões de comando.</p>	 <p><b>Título:</b> Small Unit Leadership. A Common Sense Approach <b>Autor:</b> Cor Dandridge Malone <b>Língua:</b> Inglesa É uma obra escrita de forma simples e directa sobre a liderança dos baixos (mas também dos grandes) escalões. O autor socorre-se da experiência de combate no Vietname para uma abordagem pragmática e cheia de bons conselhos.</p>
---	---

 <p><b>Título:</b> Nô Cego <b>Autor:</b> Carlos Vale Ferraz <b>Língua:</b> Portuguesa Uma Companhia de Comandos em África é o centro desta obra de ficção, mas que por ter sido escrita por quem lá esteve remete-nos com muito realismo para a dinâmica do comando de pequenas unidades na Guerra do Ultramar.</p>	 <p><b>Título:</b> A Arte de Ser Chefe <b>Autor:</b> Gaston Courtois <b>Língua:</b> Portuguesa É um livro já bastante antigo, do tempo que havia chefes e não comandantes ou líderes, mas que mesmo assim continua a ter informação útil para reflexão.</p>
--	--

 <p><b>Título:</b> Leadership: the Warrior's Art <b>Autor e Editor:</b> Chistopher Kolenda <b>Língua:</b> Inglesa Trata-se de uma colectânea de artigos englobados em três secções distintas: conceitos de liderança; estudos de caso históricos; experiências e reflexões contemporâneas sobre liderança. Contudo é anterior aos empenhamentos no Afeganistão e no Iraque.</p>	 <p><b>Título:</b> House to House <b>Autor:</b> David Bellavia <b>Língua:</b> Inglesa A guerra no século XXI está longe de ser uma guerra de computadores e travada à distância. Ao reportar-nos para o combate urbano travado em Fallujah, Iraque, em 2004, o autor dá-nos o relato nu e cru da violência e complexidade do combate de infantaria em áreas edificadas.</p>
--	--



## Escola Prática de Cavalaria

### DIA DA ARMA DE CAVALARIA E 118º ANIVERSÁRIO DA EPC



Comemorou-se no dia 17 de Abril de 2008, o Dia da Arma de Cavalaria e o 118º Aniversário da Escola Prática de Cavalaria. As celebrações destas efemérides começaram a 15ABR08 com a actuação, no Cineteatro S. Pedro, na cidade de Abrantes, da Orquestra Sinfónica do Exército e terminaram a 29ABR08 com a realização de um Seminário sob o tema "Os Programas de Reequipamento do Exército".

A Cerimónia Militar foi presidida por S. Ex.º o Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Luís Pinto Ramalho.

### VISITA DE D. XIMENES BELO À ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA

A Escola Prática de Cavalaria teve, no passado dia 15 de Maio, a honra da visita de S. Ex.º Rev.º, D. Ximenes Belo.

No âmbito do Núcleo de Estudos e Reflexão da EPC, D. Ximenes Belo veio



preferir uma Conferência subordinada ao tema: "A educação das novas gerações para a Paz e a importância das Forças Armadas na sua consolidação." D. Ximenes Belo deixou uma mensagem de esperança, salientando que os militares têm um papel preponderante, no mundo, como embaixadores da Paz e terminou a sua intervenção com um apelo a que as novas gerações sejam, hoje, um sinal de esperança e, no futuro, os concretizadores desse desejo.

### VISITA DE DELEGAÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA DO EXÉRCITO DO BRASIL

A Escola Prática de Cavalaria teve o privilégio de receber, no passado dia 06 de Junho de 2008, a visita de uma delegação da Arma de Cavalaria do Exército do Brasil.

A delegação brasileira foi recebida pelo Exm.º TGen Goulão de Melo, pelo Exm.º MGen Luís Medeiros, Director Honorário da Arma de Cavalaria e pelo Cor Cav Viriato César Coelho do Amaral, Comandante da EPC.

### XXIII CONCURSO NACIONAL COMBINADO DA EPC

Pela primeira vez desde que se transferiu para Abrantes, a EPC realizou nos dias 13 e 14 de Junho de 2008, o seu XXIII Concurso Nacional Combinado (CNC).

Este concurso hípico, presidido pelo Exm.º Director de Formação do CID, MGen Piriquito, contou com a participação de 56 conjuntos, sendo 49 militares e 7 civis, repartidos pelas categorias de Iniciação (34) e Preliminar (22).

O Concurso iniciou-se na manhã do dia 13 com a realização das Provas de Ensino, nas instalações da EPC, tendo a Prova de Fundo, decorrido à tarde, nas instalações da Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Abrantes, na



Herdade da Murteira, nas Mouriscas. A Prova de Obstáculos, encerrou este evento no dia 14 de Junho, após a qual se procedeu à entrega de prémios e ao almoço convívio, no Refeitório Geral da EPC.

### MARCHA A CAVALO À BATALHA

Cumprindo uma tradição com cerca de 30 anos, a Escola Prática de Cavalaria realizou uma marcha a cavalo desde a sua localização na cidade de Abrantes, até à vila da Batalha, a fim de prestar homenagem ao Patrono da Cavalaria, Joaquim Mouzinho de Albuquerque.

No evento participaram Oficiais e Sargentos das Unidades de Cavalaria do Exército e da Guarda Nacional Republicana, num total de 22 conjuntos, que percorreram cerca de 80 km, entre os dias 17 e 19 de Julho.

No dia 20 de Julho, junto do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, realizou-se a cerimónia militar, presidida pelo Exmo. MGEN Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros, Director Honorário da Arma de Cavalaria.



## Regimento de Lanceiros nº 2

### ALMOÇOS CONVÍVIO DAS CPM 314, CPM 641, CPM 2344 E CPM1444

O Regimento de Lanceiros N.º 2, no âmbito da sua actividade de Protocolo e Relações Públicas, apoiou uma vez mais uma das muitas iniciativas privadas de convívio de militares que nele serviram. O almoço convívio dos antigos militares e familiares das CPM 314, CPM 641, CPM 2344 e CPM 1444 tiveram lugar no RL2 nos passados dias 08 de Março, 19 de Abril, 10 de Maio e 07 de Junho de 2008, respectivamente.

Foi tempo de recordação de tempos difíceis para uma geração que em muitos casos ultrapassou já a bonita idade dos 70 anos. O Programa teve início com a concentração no Regimento a que se seguiram os cumprimentos ao Comando, cerimónia de homenagem aos mortos pela Pátria, visita à Unidade e ao Museu do Regimento, culminando com o almoço convívio no Refeitório das Legendas.

### ENCERRAMENTO DO IV CURSO DE CONTROLO DE TUMULTOS

Decorreu na Sala de Comandantes do Regimento de Lanceiros N.º 2, em 23 de Maio de 2008, a Cerimónia de Encerramento e Entrega de Diplomas relativa ao IV Curso de Controlo de Tumultos (IV CCT).

O IV CCT foi ministrado a 16 militares, dos quais 03 Oficiais das Forças Armadas de Defesa de Moçambique, 02 militares da Armada Portuguesa e 11 militares do Exército, tendo todos obtido aproveitamento.

Na cerimónia de Encerramento e Entrega de Diplomas o Exmo. Comandante do RL2 Coronel Baía Afonso, salientou a importância da mais valia que se tem ao ser-se formado com este curso, desejando felicidades e um bom regresso às unidades a que pertencem os militares formados.

### REUNIÃO DOS CAPELÃES DO EXÉRCITO



O Regimento de Lanceiros N.º 2 apoiou no dia 06 de Maio de 2008 uma reunião dos Capelães do Exército.

A esta reunião do Ordinariato Castrense do Exército, realizada na Biblioteca do Regimento, seguiu-se uma conferência sobre a prevenção à toxicod dependência e alcoolismo, no refeitório das legendas, que contou com uma grande adesão por parte dos militares do Regimento.

Ambos os eventos foram objecto de cobertura jornalística por parte Programa "Ecclesia", órgão da igreja Católica Portuguesa, para futura transmissão na RTP2, na rubrica "A Fé dos Homens".

### ESTÁGIO DE CONTROLO DE TUMULTOS



Teve lugar no Regimento de Lanceiros N.º 2, de 26 a 30 de Maio de 2008, um Estágio de Controlo de Tumultos.

Este Estágio foi efectuado no âmbito do aprontamento do Agrupamento MIKE/BrigInt/KFOR, sendo que a responsabilidade de instrução e treino operacional de Manutenção da Ordem Pública (MOP), para as Forças Nacionais Destacadas (FND) foi atribuída ao Regimento de Lanceiros N.º 2.

Visando este Estágio contribuir significativamente para que os instrutores adquiram todos os conceitos no âmbito do Controlo de Tumultos de nível 2, tendo em vista a validação, no Regimento de Cavalaria N.º 6 (RC6), da instrução de Manutenção de Ordem Pública (MOP) de nível 3 ao Agrupamento MIKE/BrigInt/KFOR, dos restantes militares da Companhia, tendo em conta que o princípio mais importante, é o emprego da força mínima para o cumprimento da missão.

O RC6 encontra-se actualmente na fase de aprontamento do Agrupamento MIKE/BrigInt/KFOR, o qual poderá ter de efectuar missões de MOP no Teatro de Operações, tendo frequentado este Estágio 16 militares sendo 07 Oficiais e 09 Sargentos.

### VISITA AO RL2 DE UMA DELEGAÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA DO BRASIL



O Regimento de Lanceiros N.º 2 recebeu em 02 de Junho de 2008 a visita de uma delegação de Oficiais do Exército do Brasil, chefiada pelo General de Exército Luiz Cesário da Silveira Filho.

A comitiva do Exército Brasileiro foi constituída por 45 pessoas (das quais 21 senhoras), que foram acompanhadas pelo TCor Lopes da Silva e Maj Góis Pires do Gabinete do CEME.

Esta visita contou com a presença do Exmo. Comandante Operacional - TGen Artur Neves da Pina Monteiro, do Exmo. Director Honorário da Arma de Cavalaria - MGen Luís Miguel de Medeiros e do Exmo. MGen João Goulão de Melo.

Salienta-se desta visita o são convívio e a troca de experiências entre os militares integrantes da comitiva e os militares do RL2, sobre as perspectivas e possibilidades da PE e da Cavalaria em Geral.

### CERIMÓNIA DE POSSE DE COMANDANTE DO NOVO COMANDANTE DO RL2



Teve lugar no dia 12 de Junho de 2008, a cerimónia de Posse do novo Comandante do Regimento, Coronel de Cavalaria Rui Jorge do Carmo Cruz Silva.

Neste regresso a uma "Casa" que bem conhece, o novo Comandante transmitiu no seu discurso de apresentação em Formatura Regimental a todos os convidados, familiares e amigos, o estímulo e honra pela assunção destas novas funções, ciente do peso da responsabilidade de guardar, continuar e ampliar a obra de todos os seus antecessores. A terminar, exortou todos os "Lanceiros" a emprestarem toda a sua disponibilidade, saber e dedicação na prossecução dos superiores interesses do Exército.

Terminada a cerimónia militar, o Exmo Comandante recebeu na Sala de Comandantes, a apresentação de cumprimentos dos Oficiais, Sargentos e delegações de Praças e Funcionários Civis do Regimento, a que se seguiu o almoço na Messe de Oficiais.

### XI CONCURSO DE EQUITAÇÃO DO RL2

O Regimento de Lanceiros N.º 2 realizou no dia 21 de Junho de 2008 o seu XI Concurso de Equitação, que foi presidido pelo Exmo General Eduardo Martins Barrento.

O Concurso integrou duas Provas de Obstáculos, uma Prova Pequena disputada segundo a Tabela A (Prova sem cronómetro) e uma Prova Média disputada sobre 10 obstáculos simples, sucessivamente mais difíceis (A dificuldade dos obstáculos combinava as suas dimensões, distâncias e traçado do percurso).

Participaram neste evento um total de 52 conjuntos, 23 na Prova Média e 29 na Prova Pequena, representando Unidades como a Escola Prática de Cavalaria, o Regimento de Cavalaria N.º 3, o Regimento de Lanceiros N.º 2, Centro Militar de Equitação Física e Desportos, Academia Militar, Colégio Militar, Regimento de Cavalaria (RC) da GNR e Clube Hípico Militar "Os Lanceiros".

As Provas foram ganhas, respectivamente, pelo 1.º Sargento Santos do RC GNR montando Cachapim na Prova Pequena e pelo Cor Cav Ref Bivar montando Rembrandt na Prova Média. A entrega de prémios teve lugar na área da Piscina do



RL2 a que se seguiu o almoço no Refeitório Geral com a presença de todos os convidados e cavaleiros participantes no Concurso.



## Regimento de Cavalaria nº 3

### ALMOÇO CONVÍVIO BCAV 437



Realizou-se em 06SET08 um almoço convívio com ex-militares do Batalhão de Cavalaria 437, que serviu em Angola entre 1963 e 1965. Nas instalações do RC 3 estiveram presentes 143 ex-militares e familiares, que assistiram à Cerimónia de Homenagem aos militares mortos em campanha e ao descerramento da placa comemorativa, tendo terminado com o almoço convívio.

### CERIMÓNIA DE CESSAÇÃO DE COMANDO



Decorreu no dia 15SET08, a cerimónia militar de cessação de Comando do Exmo Comandante do Regimento de Cavalaria 3 (RC 3), Cor Cav Alberto Sebastião Neves Marinheiro.

No decorrer da cerimónia foi entregue o bastão de Comandante do RC 3 ao Exmo Cor Cav Alberto Sebastião Neves

Marinheiro assim como a entrega da última Ordem de Serviço assinada pelo Exmo Comandante.

### CERIMÓNIA DE TOMADA DE POSSE



Decorreu no dia 17SET08, a cerimónia de Tomada de Posse do Comando do Regimento de Cavalaria 3 (RC 3) pelo Cor Cav Pedro Miguel Andrade da Fonseca Lopes.

### EXPOSIÇÃO DE PINTURA



No âmbito das comemorações do 301º aniversário do Regimento de Cavalaria 3 (RC 3), inaugurou-se em 12SET08 na Biblioteca do RC 3 uma exposição de pintura do artista estremocense Professor Carlos Godinho.

### MARCHA A CAVALO



No âmbito das comemorações do tricentésimo primeiro aniversário do Regimento de Cavalaria 3 (RC 3), realizou-se em 09SET08 uma marcha a cavalo entre Vila Viçosa (Antigo Aquartelamento do RC 3) e Estremoz (RC 3), com a participação de 28 conjuntos (cavalo e cavaleiro), representantes de várias Unidades e Estabelecimentos Militares.

### ACTUAÇÃO DA ORQUESTRA LIGEIRA DO EXÉRCITO



No âmbito das comemorações do tricentésimo primeiro aniversário do Regimento de Cavalaria 3, realizou-se na noite de 15SET08 uma actuação da Orquestra Ligeira do Exército no Rossio de Estremoz.



## Quartel da Cavalaria em Santa Margarida Ex-Regimento de Cavalaria nº 4

### DIA DO QUARTEL DA CAVALARIA



O GCC e ERec herdeiros das tradições e do espírito do extinto Regimento de Cavalaria Nº4 (RC4), comemoraram no dia 13 de Março de 2008, o Dia do Quartel da Cavalaria (QCav), data em que se assinala as relevantes acções tomadas por militares do RC4 em Viella, França, durante a Guerra Peninsular no dia 13 de Março de 1814. As comemorações iniciaram-se com a cerimónia militar, presidida pelo Exmo General Director Honorário da Arma de Cavalaria, MGen Luís Miguel de N. Morais de Medeiros, seguidas de um lanche convívio e da assinatura do livro de honra do QCav.

### EXERCÍCIO ROSA BRAVA 08

Entre o dia 14 e 23 de Abril de 2008, decorreu o exercício ROSA BRAVA 08, com a participação do Grupo de Carros de Combate e do Esquadrão de Reconhecimento. Este exercício esteve inserido no programa de treino operacional da BrigMec. Participaram 156 militares, 29 viaturas de lagartas e 21 de rodas e elementos das restantes subunidades da BrigMec.



### TOMADA DE POSSE DO CMDT DO GCC



Em 12 de Maio de 2008, realizou-se a cerimónia de tomada de posse do Tenente Coronel de Cavalaria Jorge Manuel Guerreiro Gonçalves Pedro como Comandante do Grupo de Carros de Combate e por inerência de funções Comandante do Quartel da Cavalaria da Brigada Mecanizada, nomeado "Por Escolha" por Despacho de 26MAR08 de S. Exª TGen VCEME.

### VISITA DE DELEGAÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA DO EXÉRCITO DO BRASIL

No âmbito de uma visita programada pelo Gab CEME, o Quartel da Cavalaria (QCav) recebeu em 06 de Junho de 2008 a visita da Comitiva da Cavalaria do Exército do Brasil, constituída por 45 pessoas das quais 21 senhoras, chefiada pelo Exmo General do Exército Luiz Cesário da Silveira Filho.

A visita teve como objectivo dar a conhecer à comitiva brasileira o QCav, através de uma explicação da sua história e organização, permitindo um contacto próximo com os principais equipamentos que equipam o GCC e o ERec.

### TOMADA DE POSSE DO CMDT DO EREC

Realizou-se no dia 11 de Junho de 2008 no Quartel da Cavalaria da BrigMec, a cerimónia de Tomada de

posse do novo Comandante do Esquadrão de Reconhecimento, Cap Cav Paulo Serrano, nomeado "Por Escolha" por despacho de 18MAR08 do MGen DARH.

### III CONCURSO NACIONAL COMBINADO DO QUARTEL DA CAVALARIA



Nos dias 27 e 28 de Junho de 2008 decorreu o III Concurso Nacional Combinado (CNC) de Equitação do Quartel da Cavalaria (QCav), que foi disputado em dois níveis de dificuldade: Iniciação e Preliminar. Este concurso registou 37 inscrições e compreendeu a realização de três provas: uma prova de Ensino, uma prova de Fundo ou Cross e uma prova de Obstáculos.

No cômputo geral das 3 provas (Ensino, Obstáculos e Campo), a classificação final foi a seguinte:

Prova de Iniciação: 1º Class. Cap GNR Cristiano, montando Ubis; 2º Class. Ten GNR Tomé, montando Odisseia; 3º Class. SAj Cav Luís Sénica, montando Tico; 4º Class. Sold GNR Fortes, montando Spartacus; 5º Class. Ten GNR Mendes, montando Carpa.

Prova Preliminar: 1º Class. TCor GNR Mariz dos Santos, montando Ramure; 2º Class. Cap Cav Fernando Cunha, montando Opressor de Fôja; 3º Class. Cap Cav Carlos Marques, montando Opiniosa de Fôja; 4º Class. Cap GNR Cristiano, montando Talisca; 5º Class. SMor Cav Gregório Lopes, montando Ómega.



## Regimento de Cavalaria nº 6

### APRONTAMENTO DO AGRUPAMENTO MIKE / BRIGINT / KFOR



O Agr MIKE/BrigInt/KFOR, sob o comando do TCOR Cav<sup>+</sup> Jocelino Rodrigues, foi constituído com base no GAM sediado no RC 6, integrando ainda 1 Companhia (-) do 1.º BI do RI 13, 1 Pelotão da ZMA, além de outros militares provenientes do Regimento e demais Unidades do Exército. Na sequência da GREVAL conduzida por uma Equipa da IGE, em 28 e 29JUL08, a Força foi declarada pronta, colocada sob OPCOM do CEMGEA e projectada em 3 levas para o TO do Kosovo, tendo, em 25SET08, rendido o 1.º BIPara/BRR/KFOR.

### CELEBRAÇÃO PASCAL NO RC 6

Cumprindo a tradição, o Regimento de Cavalaria N.º 6 comemorou a Páscoa, de forma singela mas com marcado simbolismo, em 18MAR08, com a Celebração Eucarística, presidida por S.E.R. o saudoso Reverendo Monsenhor Cónego Melo Peixoto, seguida de um almoço de convívio, extensivo além dos convidados exteriores, a todos os Militares e Funcionários Civis da Unidade.

### VISITA AO RC 6 DO DIRECTOR-GERAL DE PESSOAL E RECRUTAMENTO MILITAR DO MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL

O RC 6 recebeu, em 03ABR08, a visita



do Exmo. DGPRM, Dr. Alberto António Rodrigues Coelho e do Exmo. Director de Obtenção de Recursos Humanos do Exército, MGEN Jorge de Jesus Santos.

### COMEMORAÇÕES DO DIA NACIONAL DO COMBATENTE E DA BATALHA DE LA LYS

O RC 6 tomou parte, em 09ABR08, nas comemorações do 90.º Aniversário do Dia Nacional do Combatente e da Batalha de La Lys, promovidas pelo Núcleo Regional de Braga da Liga dos Combatentes.

### EXERCÍCIO "DRAGÃO 08"

O envolvimento das forças do RC 6 no exercício da Brigada de Intervenção decorreu como se indica:

— Através da participação de células de resposta do GAM e do ERec na fase CPX-CAX, de 15 a 23ABR08, simultaneamente no Centro de Treino de Postos de Comando no QG da Brigada, em Coimbra, e no Centro de Simulação do Exército, em Lisboa.

— Através da participação do Agr MIKE (TF CHARLIE) na fase FTX, no período de 11 a 15MAI08, nas Serras da Padrela e do Alvão.

Na conclusão do exercício, as forças tomaram parte numa demonstração táctica e numa parada militar seguida de um desfile motorizado, na cidade de Vila Real, perante S. Ex.º o GEN CEME.

### COMEMORAÇÕES DO DIA DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

O RC 6 participou em força nas actividades comemorativas do Dia da BrigInt, nomeadamente, na Mostra de Material, que decorreu de 02 a 06JUN08, na Praça da República, em Coimbra.

### COMEMORAÇÕES DO DIA DE PORTUGAL, DE CAMÕES E DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS



Realizaram-se em Viana do Castelo, de 07 a 10JUN08, tendo o RC 6 estado representado com o Agr MIKE, na Cerimónia Militar Conjunta, em 10JUN08, no Campo da Senhora da Agónia, integrado na Força Apeada do Exército.

### VISITA AO RC 6 DA CARAVANA DA CAVALARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO



Em 11JUN08, uma delegação da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro, chefiada pelo Exmo. General de Exército na Reserva Renato César Tibau da Costa, visitou o RC 6.

### XXV CONCURSO NACIONAL COMBINADO DO RC 6



Decorreu em 18 e 19JUL08, nos terrenos do RC 6, com a participação de 41 cavaleiros, dos quais 4 civis, tendo o evento registado um número elevado de visitantes nos dois dias da sua realização, dentre as quais diversas individualidades militares e civis. O CAP GNR Cristiano, montando Ubis, sagrou-se vencedor do CNC Preliminar, tendo o 1.º lugar do CNC sido alcançado pelo TCOR GNR Mariz dos Santos, com Ramure. Os vencedores das Provas de Obstáculos foram, respectivamente, o TEN Vet Matos com Opalina, na Classe F, o MAJ Cav Marianito montando Mandil, na Classe F.

### COMEMORAÇÃO DO DIA DA UNIDADE



No auge dos seus 299 anos de existência, os "Dragões de Entre-Douro-e-Minho" evocaram o combate de ARMINON — travado em 21JUL1837, durante a 1.ª Guerra Carlista, no qual as forças do "6", integrando a Divisão Auxiliar enviada para Espanha, se cobriram de glória pela sua audácia e heroísmo.

### EXERCÍCIO "PRISTINA 082"



Corolário de um intensivo treino ministrado ao longo de 5 meses, o exercício final do Agr MIKE/BrigInt/KFOR decorreu de 24 a 31JUL08, em Cabeceiras de Basto, a fim de testar a proficiência da Força, bem como avaliar a sua capacidade no domínio das operações de paz e convencionais.



## Regimento de Cavalaria da GNR



Em 05ABR08, o Regimento de Cavalaria da GNR comemorou o seu 86.º Aniversário através de cerimónia presidida pelo Exmo Comandante-Geral da GNR, Tenente-General Carlos Manuel Mourato Nunes.

Na Parada do aquartelamento do 4.º Esquadrão, um pelotão auto-comandado do Esquadrão Presidencial, evoluiu numa demonstração de ordem unida, em frente à Tribuna de Honra.



Desde o início da época balnear, o Regimento de Cavalaria da GNR, vem reforçando o patrulhamento da orla marítima, do centro do país até ao Algarve, com o lançamento de patrulhas a cavalo, auto e BTT, entre outros meios, em acções de patrulhamento de proximidade em locais de grande concentração de



peças, junto de veraneantes, bens patrimoniais e parques de estacionamento.



No 3.º domingo de cada mês, o Regimento de Cavalaria da GNR, através do seu Esquadrão Presidencial, realiza a Rendição Solene ao Palácio Nacional de Belém, que se efectua, nos arruamentos em frente àquele monumento nacional.



Às terceiras Quintas-feiras de cada mês, no aquartelamento do 4.º Esquadrão, na Ajuda, o Regimento de Cavalaria da GNR, em coordenação com a Companhia Cinotécnica da Escola da Guarda, recebem, por marcação efectuada na Repartição de Relações Públicas da GNR, inúmeras crianças, de diversas idades, provenientes das mais variadas origens e instituições escolares.





# Centro Militar de Educação Física e Desportos

## 1º CURSO DE INSTRUTORES DE TIRO DESPORTIVO



Realizou-se, entre os dias 5 de Maio e 6 de Junho, no Centro Militar de Educação Física e Desportos, o 1º Curso de Instrutores de Tiro Desportivo de 2008, que contou com a participação de 8 instruendos pertencentes a diversas UEO do Exército.

## 1º TORNEIO DE ESGRIMA DO CMEFD DE 2008:



Nos dias 7 e 8 de Maio, realizou-se no CMEFD, o 1º Torneio de Esgrima de 2008, que

contou com a participação de cerca de 60 atiradores, pertencentes a diversas unidades do Exército e Força Aérea. Esta prova disputou-se nas modalidades de Espada feminina, Sabre masculino e Espada masculina.

## PRÓLOGO DO RALI VODAFONE TRANSIBÉRICO



Em 21 de Maio decorreu na Tapada de Mafra a 3ª edição do Rali Vodafone Transibérico. Com aproximadamente 120 participantes, esta prova a contar para a Taça do Mundo trouxe até ao

CMEFD alguns nomes grandes do automobilismo mundial.

## VISITA DE CADETES DAS ACADEMIAS MILITARES DA HOLANDA E ALEMANHA



No dia 30 de Maio teve lugar neste Centro Militar de Educação Física e Desportos, uma visita de Cadetes das Academias Militares da Holanda e Alemanha num total de 6 alunos.

## CAMPEONATO DO PENTATLO MILITAR – FASE II



O Campeonato do Pentatlo Militar – Fase CID decorreu no CMEFD entre os dias 2 a 6 de Junho e contou com a participação de 50 militares.

## VISITA DA DELEGAÇÃO DOS OFICIAIS DE CAVALARIA DO BRASIL



No dia 4 de Junho, o Centro Militar de Educação Física e Desportos recebeu a visita de uma delegação de Oficiais de Cavalaria do Exército Brasileiro.

## GALA EQUESTRE – 2008



O CMEFD em parceria com a Câmara Municipal de Mafra realizou em 28 de Junho a I Gala Equestre, que contou com várias apresentações equestres, de onde salienta-se a apresentação da Reprise da Escola de Mafra.

## ENCERRAMENTO DO CURSO DE INSTRUTORES DE ESGRIMA E COMBATE CORPO-A-CORPO 2008



Em 25 de Julho, no CMEFD, decorreu a cerimónia de encerramento do CIEsg/CCC08, que contou com a participação de 3 formandos, 2 Oficiais e 1 Sargento do Exército. Este curso, que contou com o apoio da Federação Portuguesa de Esgrima, tem demonstrado que a Esgrima na Instituição Militar é uma realidade e que o CMEFD assume-se como um vértice desta causa.

## ENCERRAMENTO DO CURSO DE SIDEROTÉCNICOS



Teve lugar neste CMEFD em 24 de Julho a cerimónia de encerramento do I Curso de Siderotecnia que contou com a participação de 9 instruendos.

# Promoções e Nomeações

## PROMOÇÕES A:

### COR Cav:

TCOR Cav – RUI EDUARDO AZENHA SAMPAIO DE OLIVEIRA.

### TCOR Cav:

MAJ Cav – JOSÉ ANTÓNIO DOS SANTOS TORCATO

MAJ Cav JOSÉ NUNES BALTAZAR

### MAJOR Cav:

CAP Cav ALEXANDRE JORGE DOS SANTOS MOURA

CAP Cav HÉLIO FERREIRA PATRÍCIO

CAP Cav HÉLDER JOSÉ BANHA COELHO

### SAJ Cav:

ISAR Cav – ANTÓNIO JOSÉ COUCHINHO PINA

ISAR Cav – LUIS MIGUEL DE MENDONÇA FRANQUINHO

## NOMEAÇÕES:

COR Cav RUI JORGE DO CARMO CRUZ SILVA, Comandante do RL 2.

COR Cav FRANCISCO XAVIER FERREIRA DE SOUSA, Comandante do RC 6.

COR Cav RICARDO B SARDINHA PORTELA RIBEIRO, 2.º Comandante da ZMM.

COR Cav PEDRO MIGUEL ANDRADE DA FONSECA LOPES, Comandante do RC 3.

COR Cav RUI EDUARDO AZENHA SAMPAIO DE OLIVEIRA, DGPRM.

TCOR Cav JORGE MANUEL GUERREIRO GONÇALVES PEDRO, Comandante do GCC/BrigMec.

TCOR Cav JOSÉ TÚLIO MARQUES DA SILVA, 2.º Comandante do RL 2.

CAP Cav PAULO JORGE SILVA GONÇALVES SERRANO, Cmdt do ERec/BrigMec.

TEN Cav PAULO FERNANDES EPC

## COLOCAÇÕES:

### Oficiais:

COR Cav CARLOS JOSÉ VICENTE SERNADAS, IESM.

TCOR Cav ANTONIO JOSE GONCALVES BASTOS, DSP.

### BrigMec:

TCOR Cav JOSE MIGUEL MOREIRA FREIRE, BrigMec/CmdCCS.

CAP Cav LUIS FILIPE QUINTEIROS MORAIS, BrigMec/GCC.

### ESE:

MAJ Cav ANTONIO MANUEL BATISTA LOPES

CAP Cav JOSE ANTONIO CARVALHO DE SOUSA ROSA

TEN Cav JOSÉ MANUEL COSTA DA SILVA BARRADAS

### IMPE:

CAP Cav VASCO SERGIO DO VALE CARRIÇO

### EPC:

CAP Cav DUARTE MIGUEL DE CARVALHO CIGRE

TEN Cav TIAGO ALEXANDRE GOMES FAZENDA

TEN Cav SÉRGIO MIGUEL CAPELO

ALF Cav VALTER MIGUEL COSTA DE MELO CARVALHO

ALF Cav HUMBERTO GOURDIN DE AZEVEDO COUTINHO ROSA

### RL2:

CAP Cav PEDRO NUNO ANTUNES FERREIRA

### AM:

TEN Cav GONÇALO NUNO ASCENSO SILVESTRE



